

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LINGUÍSTICA**

MARIA GABRIELA FRIAS GOBBI MARCIANO

“O BRASILEIRO NÃO LÊ”: MÍDIA E DISCURSOS SOBRE A LEITURA

**SÃO CARLOS
2025**

MARIA GABRIELA FRIAS GOBBI MARCIANO

“O BRASILEIRO NÃO LÊ”: MÍDIA E DISCURSOS SOBRE A LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharela em Linguística da Universidade Federal de São Carlos.

Orientação: Profa. Dra. **Luzmara Curcino**
Coorientação: Prof. Ms. **Andrei Cezar da Silva**
Grupo de pesquisas: **LIRE (CNPq/UFSCar)**
Laboratório de Estudos da Leitura

SÃO CARLOS
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Maria Gabriela Frias Gobbi, MARCIANO

“O BRASILEIRO NÃO LÊ”: MÍDIA E DISCURSOS SOBRE
A LEITURA / MARCIANO Maria Gabriela Frias Gobbi --
2025.
48f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luzmara Curcino

Banca Examinadora: Luzmara Curcino, Andrei Cezar da
Silva, Pâmela da Silva Rosin, Adriana Cicera Amaral

Fancio

Bibliografia

1. Análise do discurso, Discursos sobre a leitura. I. Maria
Gabriela Frias Gobbi, MARCIANO. II. Título.

MARIA GABRIELA FRIAS GOBBI MARCIANO

“O BRASILEIRO NÃO LÊ”: MÍDIA E DISCURSOS SOBRE A LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 28 de fevereiro de 2025, e apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharela em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - campus São Carlos.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa Dra Luzmara Curcino
UFSCar

Coorientador

Prof. Me. Andrei Cezar da Silva
UFSCar

3º Examinador

Profa Dra Pâmela da Silva Rosin
UFSCar

4º Examinador

Profa Dra Adriana Cícera Amaral Fancio
UFSCar

Dedicatória

À minha família, que esteve sempre dedicada a me ensinar, dedico a colheita de todos os meus percursos.

AGRADECIMENTOS

À UFSCar, por abrir meus caminhos, iluminar meus sonhos e me possibilitar experiências únicas.

As bolsas de extensão e de permanência, que permitiram minha continuidade no ambiente acadêmico e fomentaram meu conforto.

À Coordenadoria de Cultura, que me deu pertencimento, através da sempre farta experiência, esperança e felicidade durante minha trajetória.

A todos os professores que encontrei ao longo da minha vida, dentro e fora das salas de aula, por tanta luta, doçura e perseverança.

À professora Luzmara Curcino, que desde o primeiro contato incendiou minhas utopias com suas falas atentas e apaixonadas e, que mais tarde, me orientou com tanta maestria.

À minha mãe, Gláucia, por ser a origem de toda força e beleza, por tudo que sou, por tudo que posso me tornar.

Ao meu pai, Marcelo, por ser meu alicerce, guardião de todo carinho e cumplicidade.

À minha companheira, Isabele, meu coração, que desde o início percorreu todos os caminhos - leal e terrena - ao meu lado.

As minhas tias, Gracineia, Luana e Raquel, por serem tão presentes e amorosas comigo.

Aos meus irmãos, Arthur e Heitor, pela alegria de acompanhar seu crescimento.

Aos meus guias, que me sustentam, me ensinam e me guardam ao longo de toda minha existência.

À Nossa Senhora Aparecida, rainha de tudo, protetora de todas as cabeças, por ser e me fazer Maria, por acender sua luz e me apontar o caminho.

Ao tempo, pelo movimento contínuo, pela tessitura de novos enredos, pelo teatro da vida.

Ao meu espírito, que, sempre insistente, caminha com tanto deslumbre.

Finalmente, à vida, que pulsa, persistente, em meu corpo e que me permite trabalhar.

*Vivi, olhei, li, senti, Que faz aí o ler, Lendo,
fica-se a saber quase tudo, Eu também leio, Algo
portanto saberás, Agora já não estou tão certa,
Terás então de ler doutra maneira, Como, Não
serve a mesma para todos, cada um inventa a
sua, a que lhe for própria, há quem leve a vida
inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais
além da leitura, ficam pegados à página, não
percebem que as palavras são apenas pedras
postas a atravessar a corrente de um rio, se estão
ali é para que possamos chegar à outra margem,
a outra margem é que importa, A não ser, A não
ser, que, A não ser que esses tais rios não tenham
duas margens, mas muitas, que cada pessoa que
lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja
sua, e apenas sua, a margem a que terá de
chegar*

Saramago, 2000.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado sob a orientação da professora Luzmara Curcino, e está inscrito junto ao Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar), em consonância com o objetivo comum das pesquisas do grupo, a saber, o de analisar discursos sobre a leitura em circulação em nossa sociedade. Mais especificamente, este TCC vincula-se aos projetos gerais de pesquisa coordenados pela professora Luzmara Curcino, “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura”, com apoio da FAPESP (2020/03615-0), e “O orgulho, a vergonha e outros afetos: uma análise das emoções em discursos sobre a leitura” (CNPq - 305682/2022-9). Com esta pesquisa de TCC, o nosso objetivo é o de analisar um conjunto específico de enunciados sobre a leitura, aqueles em que se faz referência depreciativa ao povo brasileiro como leitor, o que em alguma medida remete a formas envergonhadas de alusão a essa prática, seja sob a forma da vergonha que se compartilha por fazer parte desse povo que não lê, seja sob a forma de vergonha alheia desse povo que não lê. Buscando contribuir com as reflexões que as pesquisas do LIRE vêm realizando sobre a essencialização amplamente reproduzida entre nós acerca de nossa representação como não leitores, como um povo inculto, pouco letrado, que se interessa pouco pela leitura, neste trabalho realizamos uma análise de uma amostra de enunciados bem específicos nos quais se afirma, direta ou indiretamente, que os brasileiros não leem. Os dados aqui analisados provieram da coleta que realizamos junto ao acervo digital do jornal “O Globo”, de textos publicados no período de 2000 a 2010, a partir das palavras-chave: leitura, livro, leitor, Brasil e povo brasileiro. Nosso levantamento de dados e nossa análise fundamentaram-se em princípios e conceitos da Análise do discurso, como o de “formação discursiva”, “memória discursiva” e o de “enunciado”, buscando depreender do que foi dito, do modo como esse dizer foi materializado nesses enunciados algumas representações consensuais que circulam em nossa sociedade sobre o brasileiro a respeito de nossa relação com a leitura. Também nos apoiamos em estudos que se dedicam à leitura, seja do ponto de vista histórico, segundo Roger Chartier (1990; 2009), seja do ponto de vista cultural, conforme Pierre Bourdieu (1989; 2007), assim como segundo das análises de discursos sobre a leitura no Brasil, tais como os realizados pelos pesquisadores Márcia Abreu (2001; 2006) e Luzmara Curcino (2016; 2020; 2023), entre outros. Com nossa análise pudemos constatar que os enunciados presentes no *corpus* da pesquisa reiteram, por meio de diversas representações consensuais e hierarquizantes da leitura, o povo brasileiro como não leitor.

Palavras-chave: Mídia brasileira; Discursos sobre a leitura; Brasileiro não leitor; Vergonha.

ABSTRACT:

This Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) was developed under the supervision of professor Luzmara Curcino, and it is registered with the Reading Studies Laboratory (LIRE-CNPq/UFSCar), in line with the common objective of the group's research, this is, to analyze discourses about reading in circulation in our society. More specifically, this TCC is linked to the general research projects “Proud readers, ashamed readers: emotions in discourses about reading”, coordinated by professor Luzmara Curcino, with support from FAPESP (2020/03615-0 Regular Research Project), and “Pride, shame and other affects: an analysis of emotions in discourses about reading” (CNPq - 305682/2022-9 - Productivity grant - PQ2). With this research, our objective is to analyze a specific set of statements about reading, those in which there is a depreciatory reference to the brazilian people as readers, which to some extent refers to shameful forms of allusion to this practice, whether in the form of the shame that one shares for being part of this people who do not read, or in the form of the shame of others for this people who do not read. It is the contribution to this discussion that LIRE's research has been carried out about the essentialization widely reproduced among us about our representation as non-readers, as an uneducated people, poorly literate, who have little interest in reading, that we seek to accomplish by analyzing a sample of statements. The data analyzed here came from the collection that we organized with the digital archive of the newspaper "O Globo", over the period from 2000 to 2010, based on the keywords: reading, book, reader, Brazil and brazilian people. Our data collection and analysis were based on principles and concepts of discourse analysis, such as “discursive formation”, “discursive memory” and “statement”, seeking to infer from what was said, how this saying was materialized in these statements and the consensual representations that we share about brazilians in their relationship with reading. To this end, we relied on studies in this discursive perspective that take reading as a theme, such as those carried out by the brazilian researchers Abreu (2001), Curcino (2016, 2020) among others, and in light of the Cultural History of reading according to Roger Chartier. Through our analysis, we were able to verify that the statements present in the research corpus reiterate, through various consensual and hierarchical representations of reading, the brazilian people as non-readers.

Keywords: brazilian media; discourses about reading, brazilian non-reader.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa	12
1.2 Objetivo Geral	14
1.3 Objetivos Específicos	14
1.4 Metodologia de coleta dos dados	15
1.5 Metodologia de análise dos dados	16
1.6. Fundamentação Teórica	17
CAPÍTULO 1	20
LEITURA E PODER: RELAÇÕES DE SUBJETIVAÇÃO EM DISCUSSÃO	20
1.1 Leitores, distinção e emoção	22
CAPÍTULO 2	25
MITOS E MÍDIA: REPRESENTAÇÕES DO BRASILEIRO COMO NÃO-LEITOR	25
3.1. “O brasileiro não sabe, nem tem interesse de ler”	28
3.2. Leitor no Brasil, algo raro e excepcional	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	43

“O BRASILEIRO NÃO LÊ”: MÍDIA E DISCURSOS SOBRE A LEITURA

INTRODUÇÃO

Há um consenso sempre evocado quando se quer depreciar as escolhas políticas do povo, as práticas de consumo, os comportamentos morais etc. Não raramente, se atribui esses erros de escolha ao que seria uma falha cultural que compartilharíamos: a de não sermos leitores.

É muito comum nos depararmos com avaliações depreciativas dos brasileiros quando o assunto é leitura. Com uma simples busca na internet por palavras-chave como “povo brasileiro” e “leitura”, somos expostos a vários textos, com temas muito diversos, mas que fazem referência a esse aspecto consensual do perfil cultural dos brasileiros, segundo o qual não seríamos um povo afeito à leitura.

O imaginário nacional segundo o qual grassa a representação depreciativa das práticas de leitura que se atribui ao brasileiro comum deriva da longa e não superada história de profundas e resistentes desigualdades socioeconômicas e de hierarquias muito marcadas que constituem a nossa sociedade. Esse imaginário depreciativo do povo e esse prestígio simbólico de práticas exercidas por poucos [como a leitura] também advém de nossa história marcada pela escravidão e pela desumanização que se impôs aos povos indígenas autóctones e aos povos africanos submetidos à imigração forçada e à escravização em nossas terras. (Curcino, 2023, p. 137)

E foi partindo desse pressuposto amplamente compartilhado em nossa sociedade, segundo o qual o povo brasileiro não lê, que nos colocamos na busca de dados específicos dessas formas de depreciação cultural dirigidas a esse grupo.

Por “povo” é preciso considerar não a totalidade dos cidadãos brasileiros, mas o amplo conjunto proveniente das camadas pauperizadas de nossa sociedade. Para essa depreciação se mobiliza uma prática específica como signo incontestado de um traço que caracterizaria nossa sociedade: o do nosso déficit cultural, de modo geral, e de nossa falta de leitura, de modo

específico¹. É à análise de enunciados específicos nos quais são mobilizados consensos sobre a leitura relativos a outro consenso, o da inferioridade cultural e intelectual do povo brasileiro, a que nos dedicamos neste TCC.

Em nossa análise de uma amostra de 10 enunciados nos quais se reiteram, de diversas maneiras, que o brasileiro não é leitor, provenientes de textos da mídia produzidos na primeira década deste século (2000-2010), buscamos descrever esses enunciados considerando suas diversas formulações por meio das quais essa ideia depreciativa é reiterada. Além disso, na análise buscamos refletir sobre o papel das emoções do “orgulho” e da “vergonha” nesses discursos sobre a leitura, conforme vem sendo estudado por Curcino (2022; 2024) e por demais pesquisadores do LIRE².

1.1 Justificativa

A reflexão acerca dos discursos sobre a leitura, dos quais derivam as representações idealizadas dos leitores, é de extrema importância devido à força do valor de verdade que esses discursos adquirem - principalmente os veiculados na grande mídia brasileira. A importância também reside no fato de que esses discursos têm uma incidência sobre o modo de exercício dessa prática e sobre a constituição da subjetividade coletiva dos indivíduos, conforme observaram diversos estudiosos dedicados a esse tema no Brasil³.

O modo como concebemos nossa relação com o mundo e com os outros é, em grande parte, embasado em representações coletivas que compartilhamos socioculturalmente. [...] As representações se encarnam, portanto, em nossas práticas, em nossos corpos e nos distintos objetos que produzimos, nas formas como deles nos apropriamos, no que dizemos a respeito deles ou dos usos que outros fazem deles. Elas participam da produção, mas também das formas de uso e avaliação desses objetos culturais, assim como dos julgamentos que lançamos sobre os sujeitos que deles se valem. Assim, as representações fornecem os parâmetros de avaliação e de qualificação ou desqualificação dos objetos, das práticas e dos sujeitos. (Curcino & Silva, 2024, p. 17)

¹ Cf. a respeito de certas origens históricas de nossa depreciação cultural Abreu (2001; 2006).

² Entre os trabalhos realizados no LIRE dedicados ao estudo dessas e de outras emoções em discursos sobre a leitura, cf. Curcino & Silva (2024); Curcino, Rosa, Varella (2022); Silva & Curcino (2022); Rosin & Gomes (2020), entre outros.

³ Abreu (2006); Barzotto & Brito (1998); Curcino (2016); Varella & Curcino (2014) entre outros.

Os discursos a respeito das formas de apropriação de uma prática de prestígio como a leitura não incidem exclusivamente sobre os indivíduos, produzindo sua identificação com certas representações. Eles também contribuem para a construção da identidade coletiva de uma nação, de um povo. É a avaliação altamente positiva de uma prática como a leitura relacionada ao caráter ainda muito rarefeito de seu acesso e exercício no Brasil, tal como afirma Curcino (2016; 2024), o que incentiva e autoriza essas avaliações depreciativas dos brasileiros como leitores.

É considerando a importância desse tema, o quanto o que circula a seu respeito é fornecido pela produção e reprodução de certos discursos pelas grandes mídias e por sua capacidade de instaurar e perpetuar “verdades” que não necessariamente condizem com a realidade, silenciando ou relativizando as causas históricas e sociais da rarefação dessa prática entre nós, que nos inscrevemos no grupo de pesquisadores do LIRE⁴ coordenado pela docente Luzmara Curcino⁵.

Analisar o funcionamento dos discursos e sua força pode contribuir com a construção de uma visão mais crítica, sensível e atenta do que lemos e do que falamos sobre a leitura, além de possibilitar a diferenciação dos discursos consensuais que produzem o que sabemos sobre essa prática, de modo a nos possibilitar a percepção das verdadeiras questões que impedem a população brasileira de ser reconhecida como leitora, tendo em vista as representações “idealizadas” da leitura que predominam entre nós, conforme discutido e denunciado por vários estudiosos:

Afinal um desempregado, um faminto, não pode se interessar pela “viagem” proporcionada pelos livros, pelo conhecimento de si e do mundo proporcionado pela alta literatura. É preciso que as pessoas tenham condições sociais para ser leitores. (Abreu, 2001, p. 157)

Somos um país em que o direito à leitura é ainda bastante rarefeito. Embora com a busca pela universalização da alfabetização muitos brasileiros tenham tido acesso ao aprendizado da técnica de decodificação de textos, apenas uma parcela pequena usufrui dos benefícios de ser reconhecido culturalmente como leitor. (Curcino, 2024, s/p)

⁴ O Laboratório de Estudos da Leitura foi criado em 2010 com o compromisso de formar pesquisadores na área de estudos dos discursos, tendo por objetivo o de revisar e analisar discursos sobre a leitura e representações dos leitores em circulação no cenário nacional. Para mais informações, cf. Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6622476256810003>.

⁵ Professora no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, orientando pesquisas nas linhas “Linguagem e Discurso” e “Ensino e Aprendizagem de Língua Materna”. Coordenadora do Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-UFSCar/CNPq) e Pesquisadora CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3555-1446>. Contato: luzmara_curcino@ufscar.br.

A presente pesquisa se faz relevante por nos permitir questionar, nas análises, os discursos sobre a leitura e sobre os leitores que tratam a temática de forma simplista e condenatória, mobilizando estereótipos que contribuem para a manutenção de nossas desigualdades sociais.

É indispensável que estejamos atentos ao poder dos discursos na subjetivação de um povo e na conservação de culpas que se impõem aos indivíduos e que impactam na perpetuação do cenário de injustiça social e cultural que conhecemos hoje. Analisar discursos sobre a leitura relacionados ao tema a que nos propomos neste trabalho pode, portanto, contribuir para a melhor

[...] conscientização quanto ao papel atribuído à leitura nessa lógica discursiva de produção de consensos – segundo a qual, muitas vezes, se reproduz e se justifica a desigualdade em nossa sociedade –, e de como essa lógica é introjetada em nós desde muito cedo, é um antídoto possível contra o uso dessa prática como justificativa de triagem e hierarquização dos sujeitos. (Curcino, Varella, Oliveira, 2019, p. 2)

A partir desses pressupostos, nos propomos como objetivo analisar um tipo específico de enunciado frequentemente reproduzido entre nós, caracterizado pela depreciação coletiva de nossa relação com a leitura.

1.2 Objetivo Geral

Analisar discursos sobre a leitura depreendidos em uma amostra de enunciados provenientes de textos do jornal O Globo, produzidos no período de 2000 a 2010, nos quais o que se enuncia sobre essa prática é acompanhado da depreciação cultural e generalizante dos brasileiros como leitores, cuja análise pode contribuir para a melhor compreensão desses discursos sobre a leitura e das representações dos leitores que compartilhamos atualmente como sociedade.

1.3 Objetivos Específicos

1. Levantar e compor um *corpus* de enunciados nos quais se explora a qualificação ou a desqualificação do brasileiro como leitor;

2. Classificar esses enunciados em que o povo brasileiro é representado como não-leitor em função de suas regularidades quanto ao enunciam e ao modo como enunciam o que enunciam;
3. Depreender da análise realizada desses enunciados as formas discursivas de expressão do orgulho e da vergonha relacionados à leitura, de modo a contribuir com os resultados dos projetos gerais de pesquisa desenvolvidos no LIRE e coordenados por nossa orientadora a respeito das emoções em discursos sobre a leitura⁶.

1.4 Metodologia de coleta dos dados

Constituímos o *corpus* desta pesquisa a partir da consulta ao acervo digital do jornal “O Globo”, disponível em seu site⁷. Nossa escolha dessa fonte se baseou no fato de que este jornal é um dos que mais dispõem de assinantes no Brasil. Fundado em 29 de julho de 1925 pelo jornalista Irineu Marinho, está entre os jornais mais antigos do Brasil que ainda circulam na atualidade. Foi o primeiro jornal brasileiro a publicar uma telefoto e, em seguida, a primeira radiofoto em cores publicada na América Latina.⁸ Esse pioneirismo gráfico e editorial - além de sua ampla e permanente circulação no Brasil - no decorrer de um século consolidou seu nome junto a população brasileira e fez que ainda nos dias atuais seja amplamente difundido e exerça forte influência na formação de opinião da nação brasileira.

O Globo construiu um *ethos* discursivo bem definido em seus textos, temáticas e publicações e que transparece, ora nas entrelinhas ora em linhas explícitas, a saber, o de seu posicionamento político de tendência liberal. De acordo com as estudiosas do tema, Maria da Glória Corrêa di Fanti e Liz Feré (2018):

A noção de *ethos* discursivo tem sido objeto de reflexão de diferentes pesquisas que estudam a imagem do enunciador produzida no discurso. Essa imagem, conforme o linguista Dominique Maingueneau (2005, 2006, 2008, 2014), é construída no discurso em suas múltiplas relações com o outro (sujeitos e discursos) e emerge na articulação entre variados elementos (verbais e não verbais, éticos e estéticos etc.), os quais necessitam da incorporação do interlocutor para apreendê-la em um conjunto complexo de representações sociais e culturais.

⁶ Projetos de Pesquisa: “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura” (apoio FAPESP - 2020/03615-0); “O orgulho, a vergonha e outros afetos: uma análise das emoções em discursos sobre a leitura” (apoio CNPq - 305682/2022-9).

⁷ <https://oglobo.globo.com/>

⁸ <https://memoria.oglobo.globo.com/>

Tendo em vista a grande circulação do jornal em questão e o papel de formação da opinião pública exercido pela mídia no Brasil, consideramos os dados coletados para esta pesquisa como uma amostra que, embora constituída de poucos textos, é representativa dos discursos que tradicionalmente circulam entre nós sobre a leitura, e mais especificamente dos enunciados nos quais se afirma que o brasileiro não lê.

Essa amostra se constitui de 10 enunciados, provenientes de 4 textos, oriundos de um *corpus* constituído de 15 enunciados e 6 textos de diversos gêneros, presentes em distintas seções do jornal. Os enunciados foram selecionados a partir das palavras-chave: leitura, livro, leitor, Brasil e povo brasileiro. Depois de localizados os textos por esse sistema de busca, procedíamos a sua leitura. Eram selecionados aqueles em que identificávamos alguma menção, direta ou indireta, ao brasileiro como leitor. Foram desconsiderados os textos que continham apenas uma das palavras-chave, citadas de forma pontual, nos quais não havia referência específica aos brasileiros em sua relação com a leitura.

Identificado um enunciado, procedíamos a sua coleta por meio de seu registro, sob a forma de uma tabela Excel, contendo as seguintes informações: título da matéria, coluna ou seção, data de publicação, autor, data de coleta, categoria discursiva (vergonha ou orgulho relacionado aos leitores brasileiros), modo de pesquisa (todas essas palavras/qualquer uma dessas palavras), palavras-chave e período consultado.

Tal como apresentamos a seguir, classificamos os enunciados em conformidade com as seguintes regularidades relativas às “qualidades leitoras” que o povo brasileiro, segundo os enunciadores dos textos de nosso *corpus*, não dispõe, tais como: O brasileiro não sabe ler; O brasileiro não tem interesse em ler; São raros ou excepcionais os brasileiros leitores.

1.5 Metodologia de análise dos dados

Iniciada a análise discursiva já na etapa de classificação dos dados, com a identificação de suas regularidades quanto a discursos sobre a leitura e a representações convencionais brasileiro como leitor, nos detivemos em seguida à descrição das especificidades dos modos como em cada texto essas propriedades dos discursos e das representações foram enunciadas.

Valendo-nos do princípio de identificação das paráfrases semânticas, próprio da forma tradicional de como se analisam enunciados em Análise do discurso, buscamos nesses

enunciados descrever as especificidades do que neles se enuncia articulando à forma como enunciam, por meio de algumas escolhas linguísticas, no plano lexical, nas formas de projeção enunciativa e nas formas de modalização qualificadora ou quantificadora.

1.6. Fundamentação Teórica

Para a análise aqui proposta, nos apoiamos teórica e metodologicamente em princípios e conceitos da Análise do discurso de tradição francesa, em especial na abordagem do filósofo Michel Foucault relativa à “Ordem dos discursos”. Também nos valem de algumas considerações da História Cultural da leitura, conforme Roger Chartier, e na Sociologia Cultural de Pierre Bourdieu, sobre a lógica de reprodução e de naturalização de discursos fomentadores das desigualdades sociais, como aqueles relativos à cultura e à leitura. No que diz respeito aos estudos da leitura no Brasil, nos valem sobretudo dos trabalhos realizados pelos pesquisadores do grupo LIRE.

No que diz respeito à abordagem discursiva, segundo a perspectiva de Foucault (1996), adotamos a sua concepção segundo a qual:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou o oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos nos apoderar. (1996, p.10)

Ainda sob tal perspectiva, entendemos que a produção do discurso não se dá aleatoriamente, pelo contrário, segue uma lógica e se materializa alicerçada em uma série de controles que organizam seu funcionamento, e que lhe garantem sua força.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar

seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 1996, p.8)

O filósofo, portanto, descreve uma série de procedimentos que controlam os discursos e com eles as formas como os sujeitos enunciam. Esse controle é responsável por estabelecer os discursos dominantes e por sua reprodução social. Segundo o filósofo,

[...] não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim, de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. (Foucault, 1996, p.36)

No que diz respeito à sociologia cultural, segundo Bourdieu (1989), as sociedades se organizam e perpetuam as distâncias sociais entre os sujeitos por meio da distribuição desigual do poder simbólico. Este atua como instrumento de dominação do povo e se articula aos interesses da classe dominante:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante [...]; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação na ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, é produzido pela cultura dominante dissimulando a função da divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (Bourdieu, 1989, p. 10)

Entre as várias práticas culturais que dispõem de poder simbólico em nossa sociedade, e que por isso exercem um papel fundamental na distinção dos sujeitos e na manutenção de uma série de hierarquias entre eles, a leitura ocupa um papel basilar. Este poder simbólico também se dá por meio das representações consensuais da leitura e dos leitores e dos discursos comuns que rodeiam essa temática e que, necessariamente, esses discursos tendem a certas ilusões. Chartier (2019, p.8), aponta que:

Nunca devemos nos esquecer de que os discursos mais pessoais mobilizam, sem necessariamente o saber, as fórmulas retóricas ou narrativas disponíveis num dado tempo. A “ilusão biográfica” conduz o indivíduo a pensar-se como

irredutivelmente único e singular quando na verdade seu discurso ou sua memória se pautam em modelos amplamente compartilhados.

A leitura é, portanto, usada sistematicamente como mais um meio para justificar as desigualdades, em específico, as de classe, ao longo da história. Isso não se deu de modo diferente no Brasil. Os discursos que circulam entre nós sobre essa prática, e que definem as qualidades de que devem dispor todo e qualquer sujeito para ser considerado como leitor, resultam de certos *interdiscursos*⁹, que em nosso cenário cultural propagam estereótipos sobre o povo brasileiro, alguns deles diretamente relacionados à leitura, segundo os quais, normalmente, somos representados como um povo não-leitor, não afeito à leitura. É o que já constatarem uma série de pesquisadores brasileiros em seus estudos acerca dos discursos sobre a leitura no Brasil e das representações dos brasileiros como leitores. É com intuito de contribuir com essas pesquisas que realizamos este nosso trabalho.

Para tanto, organizamos a seguir este nosso trabalho em dois capítulos. No primeiro, procedemos algumas reflexões teóricas que subsidiam nossas análises, especialmente relacionadas ao tema do poder de que dispõem os discursos, especialmente aquele da subjetivação dos sujeitos, ou seja, o poder que oferece e que define para os próprios sujeitos as posições sujeito com as quais se identificar ou se desidentificar. No segundo capítulo, realizamos a análise de alguns enunciados de nosso *corpus* de pesquisa representativos de 3 modos de representação do brasileiro como não leitor, a saber: 1. o brasileiro não sabe ler; 2. o brasileiro não tem interesse em ler; 3. são raros ou excepcionais os brasileiros que leem.

⁹ O interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência discursiva dominada por uma FD [formação discursiva] determinada, os objetos de que esse sujeito enunciator se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, bem como as articulações entre esses objetos, a partir dos quais o sujeito enunciator vai dar uma coerência a sua declaração. (COURTINE, 2009, p. 74).

CAPÍTULO 1

LEITURA E PODER: RELAÇÕES DE SUBJETIVAÇÃO EM DISCUSSÃO

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.
Fiorin, 1998.

Traçar a relação estreita entre leitura e poder, essas duas manifestações sociais que parecem, a princípio, habitar campos teóricos distintos, ou lugares sociais distintos, compõe o esforço central desta pesquisa dedicada à análise de discursos sobre a leitura, e especialmente às representações dos brasileiros como não leitores.

O livro e a leitura exercem na nossa sociedade um papel de objeto e de prática culturais de prestígio. O acesso a determinados objetos e práticas culturais, como o livro e a leitura, é definido por relações de poder. Deriva dessas relações de poder a definição de diretrizes, de protocolos responsáveis pela reafirmação e reprodução de paradigmas dominantes, que definem os modos de ser e estar na sociedade, que definem quais são as práticas mais adequadas e os códigos de pertença socioculturalmente legitimados, conforme já demonstrado por autores como o filósofo Foucault (1999) e o sociólogo Bourdieu (1989).

O poder de que dispõe algumas práticas, objetos e os sujeitos que os mobilizam, justifica as desigualdades e preconceitos, e perpetua o interesse das classes dominantes. A leitura compõe o rol dessas práticas culturais com esse poder. Por essa razão, ela é em geral representada como uma escolha individual, como um dom de que dispõem apenas alguns indivíduos. Assim, ela é usada, conforme analisado por Curcino (2020), e também por Curcino, Santana e Varella (2021), como uma prática meritocrática. Cabendo ao indivíduo escolher ser leitor, querer ser leitor, e se grande parte dos brasileiros não se adequa à imagem idealizada do

que é ser leitor, conforme reiterado em vários textos, logo, somos um país de não-leitores, com um povo inculto por escolha.

A força desse imaginário resulta do que comumente é reiterado acerca de um país e das comparações hierarquizadas com outros países, que tendem a apagar as diferentes condições materiais, as desiguais distribuições de riquezas e de investimentos em educação desses países. Todo conjunto de representações está inscrito numa relação de determinismos, de hierarquização dos sujeitos em sociedade, que nos fornecem o modo como avaliamos esses sujeitos e essas sociedades. A este funcionamento, Bourdieu (1989) nomeia como *poder simbólico*.

O simbólico pode ser visto como aquilo que não precisa ser ou não está explícito, porém que constitui uma estrutura operante na formação das disposições dos indivíduos para perceber, apreciar e agir no mundo social. Para ser eficaz, o poder precisa adquirir a forma de desconhecimento e de reconhecimento, de enraizamento no corpo de estruturas de dominação, social e historicamente forjadas, atuantes para gerarem uma ordem social. (Hey, 2017, p. 292-293)

Esse senso comum e o valor de verdade que adquirem esses discursos atuam como instrumento de dominação da população brasileira, especificamente a mais pobre, e contribuem para a conservação da centralização do poder nas mãos de poucos. O uso deste tipo específico de poder, o simbólico, e especialmente aquele que mobiliza a leitura, é eficaz porque se manifesta de forma sutil:

Valer-se de práticas e de objetos que atestam o domínio de um certo “capital cultural” de prestígio (como a leitura, como a leitura de livros, como a leitura de livros clássicos de autores canônicos) funciona simbolicamente como um modo sutil, insuspeito, naturalizado e convincente de justificar as desigualdades sociais, porque se difunde a ideia de que o acúmulo de riqueza por uns advém de suas competências individuais, exclusivamente de seu esforço, de sua inteligência, de seus estudos e leituras. Esse é um discurso muito frequente, e porque frequente soa como verdadeiro. É assim que se constroem os consensos. (Curcino, 2019, p. 649)

Através desses discursos consensuais, reforçam-se estigmas, como o de que a pobreza é consequência da preguiça e da falta de interesse pela leitura e pelos estudos, e se legitima a desigualdade social.

Se as relações fossem somente de força física, militar ou econômica, seria “provável que fossem infinitamente mais frágeis e fáceis de inverter”. Todavia, ao inscrever as relações de força como constituintes de relações de sentido e de comunicação, sendo que “o dominado também é alguém que conhece e reconhece”, torna o ato de submeter e obedecer dependente de uma ação cognitiva. (Hey, 2017, p.293)

A prática da leitura encontra-se amalgamada nessas estruturas de dominação. E os discursos sobre essa prática dispõem e impõem para os indivíduos as maneiras adequadas como cada um de nós deve perceber a si e aos outros como leitor. Para evitar isso, é preciso discutir a lógica deste funcionamento de controle dos discursos e conseqüentemente as formas de sua manutenção. Segundo o historiador Chartier (2009):

O objeto fundamental de uma história que se propõe a reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam - de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, dizer e fazer. (Chartier, 2009, p. 49)

Com base nesta lógica de controle, os sujeitos que enunciam sobre a temática da leitura tendem a reproduzir discursos que colocam o povo brasileiro como alvo de depreciações, enquanto enaltecem um grupo seleto de indivíduos, especificamente aqueles que dispõem, em nossa sociedade, de poder econômico e por isso dispõem desde sempre de acesso a essa prática cultural de prestígio. Estes se beneficiam de dois privilégios: o de dispor dos meios para acessar a cultura de prestígio e o de contar com a validação cultural da sua posição de superioridade econômica.

1.1 Leitores, distinção e emoção

Essa distinção dos sujeitos por meio da exploração de discursos a respeito da leitura é exemplarmente demonstrada por Curcino & Cervezão (2024) em sua análise de injúrias culturais relacionadas à leitura. Segundo as autoras:

A leitura somente é mobilizada como forma de ofensa em função de seu uso sistemático como divisor social. A leitura é convocada em cenas de injúria cultural porque é frequentemente apresentada em sua inacessibilidade ou caráter rarefeito acessível a meia dúzia de eleitos. A leitura é enunciada como

meio de impor a vergonha a um outro porque em uma sociedade letrada, em que todas as atividades humanas são marcadas direta ou indiretamente pelo código escrito e com ele por suas lógicas e hierarquias, saber ler, ler com frequência, ler obras que de fato contam, saber falar do que leu e se mostrar leitor em situações públicas são competências que atuam como uma verdadeira moeda de troca, um escudo, uma blindagem que [...] alguns mobilizam como arma. (Curcino & Cervezão, 2024, p. 112)

Há um interesse pontual em reproduzir discursos que colaborem com a manutenção e fortalecimento deste senso comum que afirma que só um grupo seletivo, específico e admirável da sociedade pode ser reconhecido como leitor. É com base nessas crenças comuns que alguns se valem do lugar socioeconômico que ocupam e que justificam suas posições de poder através da distinção social e cultural. Não coincidentemente, o pequeno e respeitável grupo de “verdadeiros leitores” é majoritariamente composto por pessoas com poder econômico, que desde muito cedo, tiveram fácil acesso a bens materiais e culturais e, alguns pobres que se destacam, enaltecidos pela força de vontade e embasados em discursos que afirmam a meritocracia¹⁰.

Essas representações contínuas são próprias de uma estrutura que visa a distinção entre os sujeitos, segundo Bourdieu (2007):

[...] todas as "escolhas" produzidas encontram-se, assim, automaticamente associadas a uma posição distinta, portanto, afetadas por um valor distintivo. Isso ocorre independentemente, até mesmo, de qualquer intenção de distinção, de qualquer busca explícita da diferença; e, embora as estratégias propriamente intencionais que levam a se distinguir do grupo imediatamente inferior - ou supostamente considerado como tal -, tratado como contraste, e a identificar-se com o grupo da posição imediatamente superior - ou supostamente considerado como tal -, assim reconhecido como detentor do estilo de vida legítimo, limitem-se a garantir a plena eficácia, pela reduplicação intencional, aos efeitos automáticos e inconscientes da dialética do raro e do comum, do novo e do superado, inscrita na diferenciação objetiva das condições e das disposições. (p. 231)

Do funcionamento desses discursos sobre a leitura, dos quais provêm a representação do povo brasileiro como não leitor, emergem os sentimentos de culpa e de vergonha que subjetivam grande parte de nossa população, tal como constata Curcino (2022):

¹⁰ A respeito dos discursos que relacionam leitura a meritocracia, cf. Curcino (2020); Curcino; Santana; Garavello (2021).

Esse sentimento de vergonha e culpa espreita muitos brasileiros e se manifesta como uma experiência terrível de indignidade cultural. A vergonha resulta de um tipo de sanção social. Esse sentimento tem o peso de uma carência humilhante e castradora, em diferentes graus, e que se traduz em declarações que conhecemos bem: ‘Eu não tive leitura’; ‘Eu não tenho muita paciência pra ler’; ‘Eu nunca gostei muito de ler’; ‘Eu tenho uma preguiça de ler’; ‘Eu não tenho tempo pra ler’; ‘Eu não consigo me concentrar’, ‘Eu nunca fui muito desse negócio de leitura’. Somos levados a ouvir e interpretar essas declarações frequentes como a expressão de uma realidade: “há quem goste e há quem não goste de leitura”; “há quem leia frequentemente e há quem prefira fazer outras coisas”; “há quem tenha preguiça de ler e quem não”, e assim por diante. Em geral ignoramos as condições materiais, as violências simbólicas e as carências intelectuais que são impostas a estes que não têm outra alternativa a não ser se apresentarem como não-leitores. Tão convincente e potente é esse tipo de violência simbólica a ponto daqueles que foram privados da leitura serem convencidos de que não são leitores e serem convencidos a assumir a responsabilidade por não serem leitores. (Curcino, 2022, p. 10-11)

A culpa atribuída para si e para o outro faz com que a temática da leitura seja tratada de forma banal/simplista e desencoraja uma análise mais fundamentada, séria, dos motivos que atuam na determinação de quem pode ou não ser leitor no Brasil. O sentimento de culpa, ou mesmo o sentimento da vergonha, ambos são sintetizados socialmente, sentidos e manifestados por milhões de brasileiros sem qualquer relação com causa natural ou biológica. Na maioria das vezes, os enunciadores fazem com que esses discursos circulem com o único propósito da autoafirmação embasada na depreciação do outro.

O pretexto das lutas a propósito do sentido do mundo social é o poder sobre as esquemas classificatórios e as sistemas de classificação que se encontram na origem das representações e, por conseguinte, da mobilização e desmobilização dos grupos: poder evocador da enunciação que faz ver de forma diferente [...] (Bourdieu, 2007, p. 444)

CAPÍTULO 2

MITOS E MÍDIA: REPRESENTAÇÕES DO BRASILEIRO COMO NÃO-LEITOR

Percorrer a história da leitura no Brasil é percorrer a história de um lamento. Desde os primeiros relatos sobre a presença e a utilização de materiais impressos, feitos por viajantes estrangeiros, delineia-se uma quase incompatibilidade entre a cultura local e a vida letrada.

Lendo esses textos - que têm servido como fonte privilegiada para a reconstituição das condições culturais brasileiras, especialmente no período anterior à independência - não há como fugir à sensação de fracasso.
Abreu, 2001.

Tal como vimos no capítulo anterior, compartilhamos visões coletivas, compartilhadas socialmente sobre as práticas de leitura e os sujeitos leitores. Elas derivam dos discursos que circulam consensualmente entre nós. Estes, por sua vez, constroem e naturalizam o prestígio dos que podem exercê-la e o desprestígio daqueles considerados não leitores. E são considerados não leitores a maior parte de nossa população, daí a aparente obviedade da afirmação segundo a qual o povo brasileiro não lê, que é repetida não apenas por quem se beneficia mas também por quem sofre as consequências dessa afirmação, afinal, aprendemos bem cedo “o que dizer sobre a leitura, [...] os modos adequados e devidos de fazê-lo, [...] em função de quem nós projetamos ser em consonância com os papéis sociais a que nos destinamos ou fomos destinados” (Curcino, Varella, Oliveira, 2019, p. 2).

Esses consensos gerais sobre a leitura, os livros e o leitor brasileiro resumem-se a um conjunto bem restrito de coisas a enunciar.

Pierre Bayard (2007) aborda pelo menos três consensos gerais que compartilhamos acerca da leitura e que vigoram em sociedades letradas do Ocidente, tal como a nossa. O primeiro deles refere-se à necessidade de ler (é preciso ser leitor numa sociedade em que a escrita adquiriu papel distintivo e hierarquizante dos indivíduos na relação entre eles); o segundo dos consensos refere-se à necessidade de se ler sempre, muitos textos (de modo a se integrar a uma sociedade da informação e da ostentação da condição de ser bem (in)formado); o terceiro consenso refere-se à necessidade de se falar do que se leu e de se mostrar publicamente leitor (não de qualquer modo). (Curcino, 2016, p. 234)

Esses consensos foram há muito estabelecidos, e no Brasil encontraram solo fértil e exerceram papel decisivo na colonização. Abreu (2006, p. 83) descreve esse processo da seguinte forma:

A descoberta do Brasil - e do restante da América - encheu o Velho Mundo de maravilha e espanto. A curiosidade e o interesse dos europeus sobre o que se passava do outro lado do Atlântico favoreceram a produção e circulação de um amplo conjunto de escritas que se destinavam a apresentar e, principalmente, a interpretar a nova terra e seus habitantes. Funda-se, assim, um discurso em que se constituem imagens do Brasil; primeiramente, para os europeus e, posteriormente, para os brasileiros, [imagens] que construirão sua identidade num diálogo permanente com as informações e juízos nele construídos.

Não apenas restritos à leitura, esses discursos que depreciam o povo brasileiro, se alastram, são reproduzidos cotidianamente e ganham certa normalidade. Em conjunto com afirmações de que o povo não sabe falar português, de que não gosta de trabalhar, também se diz que não sabe nem gosta de ler.

Portanto, o que se enuncia a respeito da leitura ecoa discursos que tendem a inferiorizar os brasileiros no que diz respeito às suas práticas culturais de modo geral, e que tornam invisíveis as condições precárias para poder se tornar leitor a que a grande maioria da população está suscetível. No Brasil, a leitura sempre foi um privilégio de classe, o que é encoberto por discursos que responsabilizam o indivíduo e o povo por não ser leitor, ou que ignoram e silenciam as práticas de leitura empreendidas pela maioria do povo brasileiro.

Uma concepção elitista da cultura torna invisível as práticas de leitura comuns. A delimitação de um certo conjunto de livros e de determinados modos de ler como válidos, e o desprezo aos demais estão na base dos discursos que proclamam a inexistência ou precariedade da leitura no Brasil. É leitor apenas aquele que lê os livros certos, os livros positivamente avaliados pela escola, pela universidade, pelos grandes jornais, por uma certa tradição de crítica literária, ainda que os critérios de avaliação, poucas vezes explicitados, estejam vinculados a noções particulares de valor estético, de cidadania, de conhecimento. Todos os demais escritos - mesmo que materialmente idênticos aos livros certos - são não-livros. Da mesma forma, aqueles que o lêem - embora leiam - são não-leitores. (Abreu, 2001, p. 154)

Os preconceitos em relação às práticas culturais do povo brasileiro ainda são constantemente atualizados e circulam como verdade incontestável em textos das mais diversas fontes e origens, como é o caso dos textos da mídia tradicional, de grande circulação.

Parte não negligenciável da força e do valor de verdade dos discursos, de modo geral, e dos discursos sobre a leitura, de modo específico, tem a ver com a frequência de sua circulação. É assim que se constroem os consensos. Portanto, a conscientização quanto ao papel atribuído à leitura nessa lógica discursiva de produção de consensos – segundo a qual, muitas vezes, se

reproduz e se justifica a desigualdade em nossa sociedade –, e de como essa lógica é introjetada em nós desde muito cedo, é um antídoto possível contra o uso dessa prática como justificativa de triagem e hierarquização dos sujeitos. (CURCINO, VARELLA, OLIVEIRA, 2019, p. 2)

Considerando o poder disseminador de discursos exercido pela mídia, em especial pelas grandes empresas de comunicação, como o grupo Globo, e conforme justificamos na introdução as razões da escolha de uma fonte específica para busca de textos, realizamos nosso levantamento de dados junto ao acervo digital do site do jornal “O Globo”, com a busca de matérias jornalísticas publicadas entre o ano de 2000 e 2010, por meio das palavras-chave ‘leitura’, ‘livro’, ‘leitor’, ‘Brasil e povo brasileiro’. Nesse levantamento foi possível identificar – graças aos recursos de triagem do próprio acervo digital deste jornal - um conjunto relativamente enxuto de textos nos quais se fez referência aos brasileiros em sua relação com a leitura e com os livros.

Na grande maioria desses textos, essa relação é marcada por julgamentos de valor depreciativos, ou seja, o povo brasileiro é representado como não leitor. A maior parte dos textos localizados pelo buscador do *site*, com base nessas palavras-chave são publicações da seção “carta dos leitores”, dedicada à publicação de comentários enviados pelos assinantes do jornal. Muitos textos ora contém apenas uma das palavras-chave usadas na busca, ora duas dessas palavras, sem necessariamente estarem relacionadas entre si e ao tema de interesse de nossas buscas, ou seja, textos com enunciados que se referissem ao povo brasileiro e a sua condição leitora. Assim, grande parte dos textos continham essas palavras isoladas (leitura, ou livro, ou leitor, ou Brasil ou povo brasileiro), sem articulação, especialmente sem articulação entre essas duas últimas com as 3 primeiras. No período pesquisado, todo o conteúdo informado com a busca que realizamos no acervo do jornal refere-se a textos que foram publicados originalmente em versão impressa, e se encontram hoje digitalizados nesse acervo virtual.

Do total de buscas no acervo, foram selecionados para nossa análise neste TCC 6 textos que com enunciados que correspondiam aos requisitos delimitados em nossa metodologia de busca e que respondiam ao nosso interesse de análise, por se referirem às práticas de leitura do povo brasileiro (ou à sua falta). Constatamos, já na coleta dos dados, que há um padrão discursivo, ou seja, um protocolo de enunciação bastante estável, regular em relação a esse tema. Ele diz respeito ao fato de que aquilo que se enuncia nesses textos sobre a população brasileira na sua relação com a leitura é marcado pelo consenso segundo o qual o povo não lê, o brasileiro não é leitor, o povo não lê com frequência, nem como deveria.

Nos enunciados encontrados durante a coleta de dados, foi possível identificar, portanto, o recurso à reiteração de representações desqualificadoras dos leitores brasileiros. Essas desqualificações reiteradas são atualizadas muitas vezes sob a forma do sentimento coletivo de uma vergonha cultural e que alguns manifestam em relação à maioria de nossa população.

Somos representados como um país cujo povo não sabe ler nem escrever, e carece de interesse pela leitura, e que são raros e excepcionais aqueles que entre nós são efetivamente leitores. São essas representações presentes em diversos textos que buscaremos analisar nos tópicos seguintes.

3.1. “O brasileiro não sabe, nem tem interesse de ler”

“Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos [...]” (Maingueneau, 2002, p.20). Considerando essa afirmação, pretendemos mobilizar saberes que nos auxiliem na compreensão do que é dito nesses enunciados que se referem aos brasileiros, especificamente quando o assunto é a leitura.

Do conjunto de textos que compõem o nosso *corpus*¹¹, em um deles são mobilizados vários argumentos para afirmar que o brasileiro não lê. O texto intitulado “Educação, a saída para vencer a alienação”, foi publicado no dia 22 de junho de 2002, na coluna “Cidadão do futuro” do jornal O Globo, de autoria de Rafael Brito da Silva, descrito pelo próprio jornal como um jovem de 16 anos, residente em Niterói.

Em seu texto, vemos desfilar uma série de estereótipos culturais relacionados à leitura e desqualificadores do povo brasileiro. O jovem recorre a esses consensos de teor preconceituoso, pouco refletidos, constantemente mobilizados, formulados de forma generalizante. Compõe um conjunto prototípico de enunciados.

É **vergonhoso** para uma nação ter um povo que **não saiba ler nem escrever**.
(Enunciado 1: Educação, a saída para vencer a alienação, 2002)

¹¹ Cf. todos os textos do *corpus* nos Anexos, ao final deste TCC.

Claro que não devemos culpar apenas os políticos pela falta de educação. **Nós também somos os responsáveis pela baixa cultura, pela falta de interesse pelos estudos.** (Enunciado 2: Educação, a saída para vencer a alienação, 2002)

A população fica quieta diante de um problema que a atinge diretamente, talvez por não perceber, já que **está ocupada vendo TV. Se ao menos estivesse lendo um livro**, mas, se estivesse, perceberia que a educação está afundando num coquetel de negligência e **falta de cultura.** (Enunciado 3: Educação, a saída para vencer a alienação, 2002)

A leitura é um ato que está sumindo do cotidiano dos brasileiros; se é que já esteve algum dia. **Por que os brasileiros têm tanto medo de ter um livro nas mãos?** (Enunciado 4: Educação, a saída para vencer a alienação, 2002)

O ato da leitura é um feito **magnífico** que deveria ser apreciado por todos. Não há nada mais **prazeroso** do que sentir o passar das folhas; sentir as palavras entrando na mente, instigando a imaginação. É impressionante que uma coisa tão pequena por fora seja tão grande por dentro. O livro é uma selva de palavras a ser desbravada. (Enunciado 5: Educação, a saída para vencer a alienação, 2002)

Trata-se de um texto que, desde o título, aborda o tema da educação e a apresenta como meio para combater a alienação política. Ao se referir à educação, o autor reitera a crítica frequente segundo a qual os brasileiros são avessos à cultura, ao estudo, e se vê compelido a tratar de um tema central na educação: a leitura. Tal como ele argumenta, a população brasileira no enunciado 1, o povo brasileiro “não sabe ler nem escrever” e ocupa seu tempo “vendo TV” e não “lendo um livro”. Essa é uma comparação exaustivamente mencionada quando se quer depreciar o modo como o povo se informa ou se entretém. Segundo os estudiosos Barzotto e Britto (1998, s/p),

A leitura (assim como assistir televisão ou ouvir rádio) pode funcionar como instrumento de informação e, neste sentido, contribuir para o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. No entanto, do modo como tal adágio é interpretado, a possibilidade se transforma em fato necessário, independentemente do tipo de leitura que se faça das condições em que ela dá e da inserção social do sujeito leitor.

No enunciado 1, o autor recorre à expressão de “vergonha”, e mais especificamente de “vergonha alheia”. É portanto com apelo a uma emoção, a uma avaliação moral, que o jovem julga o povo brasileiro, em relação ao qual se distingue e do qual se distancia porque, diferentemente daqueles que “não sabem ler nem escrever” ele sabe e lê, e manifesta essa sua condição distinta e orgulhosa sobretudo no enunciado 5, quanto tece elogios pomposos à leitura, (“O ato da leitura é um feito magnífico”; “Não há nada mais prazeroso”; “O livro é uma selva de palavras a ser desbravada”). O modo como enuncia deixa claro que embora seja brasileiro, ele é leitor.

Um dos modos de demonstrar que se é leitor é empregando expressões, metáforas, e exprimindo emoções que são convenientes aos discursos dominantes relativos a essa prática. Recorrer ao tema do “prazer” que a leitura proporciona, apelar para metáforas como remetem à leitura de textos ficcionais, literários, como em “selva a ser desbravada”, ou exprimir seu afeto pela prática ao qualificá-la de “magnífica” são formas de se afirmar orgulhosamente como leitor, e de se contrapor ao que considera ser vergonhoso “um povo que não sabe ler nem escrever”.

A mobilização da referência à “vergonha”, no enunciado 1, não é de todo original¹². Seja de forma explícita como neste caso em que se emprega propriamente o nome “vergonha”, seja de forma indireta quando o modo como se enuncia permite depreender dele o efeito de “vergonha”, os discursos sobre a leitura são frequentados por essas emoções que dividem os sujeitos entre os que leem e os que não leem.

Esse papel central da vergonha como sentimento mobilizado em discursos sobre a leitura é minuciosamente estudado por Curcino (2022, p. 3). A autora destaca que “se o discurso fornece o que é dizível sobre uma prática e sobre os sujeitos que a exercem, ele também regula o tipo de emoção consensualmente adequada na enunciação dessa prática”. Dessa forma, de acordo com Curcino (2021, p.10): “É importante entender o quanto essa “vergonha” é imobilizante e baseada na distância entre as práticas de leitura possíveis de serem exercidas pela maioria e as práticas idealizadas, realizadas por poucos”.

No enunciado 2, o enunciador faz um adendo: “claro que não devemos culpar apenas os políticos pela falta de educação, nós também somos responsáveis”. É possível perceber que há, nos discursos sobre a leitura, um reforço persistente da relativização do cerne dos problemas educacionais e sociais do Brasil, o da falta de políticas que garantam condições materiais

¹² Ver a análise de enunciado relativo à vergonha alheia expressa por uma jornalista em relação a uma declaração do presidente Lula na Bienal do livro de São Paulo, em Curcino (2022).

essenciais para o exercício da leitura, sempre aliado ao discurso da culpabilização do povo e da desresponsabilização do sistema, aqui representado pelos políticos.

O enunciador emprega “a população”, “o povo”, “os brasileiros”, e mesmo fazendo parte desses contingentes, deles se desidentifica. E mesmo quando emprega o termo “nós”, não se trata de um nós “inclusivo”, uma vez que ele relativiza seu pertencimento a esse conjunto em termos culturais, já que ele tem interesse pela leitura, lê livros, faz da leitura uma prática cotidiana, não tem medo de abrir um livro, acha prazeroso ler e avalia como magnífica essa prática.

No enunciado 3, fica em evidência a exaltação da cultura dominante em relação a essa prática de prestígio muito privilegiada, que é a da leitura poder ser exercida por uma minoria como um *hobby*, por prazer. E o caráter distintivo dos sujeitos que exercem essa prática é acentuado com a comparação com a prática de ver TV, altamente difundida em todas as camadas populacionais. Se muitos têm acesso, logo, não se trata de uma prática distintiva. O fato da leitura gozar desse benefício tem a ver com o fato de ser prática exercida por poucos. E para a manutenção desse seu traço distintivo é preciso garantir que poucos leiam. Para isso, nossa sociedade se organiza de modo a distribuir desigualmente a disponibilidade de tempo, o acesso a livros e o estímulo precoce e frequente à prática.

A leitura é apresentada neste texto como uma prática de emancipação política e social. Ela de fato pode ser. No entanto, seu traço emancipador depende do que se lê, e não da leitura de modo geral. Segundo Barzotto e Britto (1998, s/p), essa concepção:

Faz com que se perca completamente a crítica histórica e a percepção de que a leitura tem sido muito mais instrumento de dominação (as classes dominantes sempre tiveram a leitura a seu serviço) do que de redenção de pessoas ou de povos. Ninguém fica melhor ou pior, mais solidário ou misantropo, mais crítico ou alienado porque passa a ser leitor. Pode ser, mas não há relação de necessidade. Objetivamente, ao contrário do que quer fazer crer o discurso da leitura redentora, não há vínculo necessário entre leitura e comportamentos saudáveis, positivos.

No enunciado 4, mais uma vez, o enunciador faz uma avaliação de caráter elitista do povo brasileiro, de forma muito eloquente, na medida em que afirma com o uso de uma pergunta retórica, como um tipo de estratégia para simular interlocução com os leitores do jornal: “Por que os brasileiros têm tanto medo de ter um livro nas mãos?”. Trata-se antes de uma afirmação do que de uma pergunta em busca de uma resposta. É um julgamento de valor generalizante que afirma que o brasileiro não lê, mobilizando para isso uma outra emoção: a

do medo. O enunciador afirma com convicção este medo, sem se ver compelido a demonstrar a veracidade disso que enuncia categoricamente.

O uso do termo “medo” equivale semanticamente à “aversão”. É usado metaforicamente para intensificar a afirmação segundo a qual o povo brasileiro não sabe, mas sobretudo não é afeito à leitura, não tem interesse pela leitura. Trata-se de um texto, todo ele, e especificamente nesses enunciados referidos, baseado nessas depreciações culturais de longa data que desqualificam o povo brasileiro, que mobilizam a leitura como um argumento incontestável de desqualificação. Essas desqualificações são formas políticas de manutenção de divisões sociais. São julgamentos que não visam a emancipação cultural, mas antes a manutenção das distâncias. De acordo com Barzotto e Britto (1998):

A promoção da leitura, vista desde uma perspectiva não ingênua, é um problema político e não apostólico. O leitor não é um sujeito desarraigado de sua condição de classe, que encontra na leitura uma forma de redenção individual. O que está em questão é o direito do cidadão de ter acesso (material e intelectual) à informação escrita e à cultura letrada e não um comportamento de avaliação subjetiva. Ninguém fica necessariamente bom porque lê, nem faz sentido apelar aos morais para que as pessoas leiam. (s/p)

Finalmente, no enunciado 5, ao completar seu ciclo do discurso consensual sobre a leitura – que tem início na acusação da vergonha e da culpa do outro que não lê e que termina com a expressão de seu orgulho por meio da romantização caricata de seu amor genuíno pela leitura - o autor relata sua paixão leitora mimetizando construções frasais de tom poético “não há nada mais prazeroso do que sentir o passar das folhas; sentir as palavras entrando na mente”. Ele se mostra leitor em sua pressuposta competência como escritor, daí o apelo a figuras de linguagem comuns na literatura e a estruturas linguísticas mais rarefeitas, pomposas.

O fato de alguém ainda tão jovem reiterar em um único texto quase todos os estereótipos atribuídos ao povo brasileiro como não leitor demonstra o quanto esses discursos circulam, são reiterados e têm valor de verdade em nossa sociedade.

Em suas declarações há ainda a reiteração da leitura como um privilégio de classe, daqueles que podem ler por prazer, “sentir o passar das folhas; sentir as palavras entrando na mente, instigando a imaginação”, como uma experiência semelhante a “desbravar uma floresta”. O que não é levado em conta nesse texto, é que:

Um desempregado, um faminto, não pode se interessar pela ‘viagem’ proporcionada pelos livros, pelo conhecimento de si e do mundo

proporcionado pela literatura. É preciso que as pessoas tenham condições materiais para ser leitoras. (Márcia Abreu, 2001, p.157)

Nos enunciados analisados, é possível identificar uma série de expressões, escolhas e reiterações comuns que contribuem para a perpetuação de um retrato caricato do povo brasileiro, especialmente no que diz respeito à leitura. Trata-se de uma representação frequente e naturalizada. E segundo o historiador Roger Chartier (2009, p. 51/52), “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é”.

3.2. Leitor no Brasil, algo raro e excepcional

Wagner é um **menino diferente**: aos doze anos, **ele sonha com os livros que lê e, para que o sonho não acabe, vai todos os dias à biblioteca comunitária**, onde é **um dos poucos e assíduos** frequentadores. (Enunciado 1, O sonho de Wagner, 2003)

Wagner é uma **exceção entre os meninos de seu país**. Poderá integrar, no futuro, uma faixa social que o professor Otaviano de Fiore, ex-secretário do Livro e da Leitura do Minc, chama de "vanguarda intelectual dos pobres", assim denominados os brasileiros que vêm na cultura escrita um instrumento para a família emergir da pobreza. (Enunciado 2, O sonho de Wagner, 2003)

Mas seria muito bom que se criasse o **hábito**, e que este, com o tempo, aumentasse entre os jovens o número de **viciados em leitura**. **Não importa que comecem lendo até o pior**, porque aos poucos podem ir aprimorando o **gosto** e chegar ao melhor. Não é fácil a tarefa, já que existem os que não querem nem chegar perto. Vi outro dia, na televisão, **adolescentes confessaram sem constrangimento que este ano não pegaram sequer num livro**. (Enunciado 3, Um velho e bom vício, 2003)

É preciso adaptar o leitor e reinventar o escritor, para que a felicidade não venha da **tristeza de constatar que é cada vez menor o número dos que gostam de livros** - o que, paradoxalmente, concede **exclusividade a um pequeno grupo de pessoas**. (Enunciado 4, Para ler de forma radical, 2008)

Ao afirmar, contudo, que **é raro encontrar**, entre professores e alunos de letras, **a mesma paixão que sente pela leitura**, tem razão. (Enunciado 5, Para ler de forma radical, 2008)

O enunciado 1 e 2, retirados de um mesmo texto, publicado no jornal O Globo, na Coluna Opinião. na edição do dia 26 de abril de 2003, retomam e reiteram discursos sobre a leitura na medida em que exalta um leitor com base na depreciação de outros. A leitura é aqui também alçada à condição de prática salvacionista, capaz de promover a ascensão de classe daqueles que, mesmo tendo nascido em classes pauperizadas, por meio da leitura ascenderam socialmente.

No enunciado 1, o uso do adjetivo “diferente” como caracterizador valorativo de Wagner, explora o poder simbólico da leitura na promoção da distinção dos sujeitos. Em regra, este adjetivo pode ser usado de duas maneiras: para depreciar ou para valorizar algo ou alguém. No enunciado “Wagner é um menino diferente”, articulado ao restante do texto, o valor semântico explorado com a designação “diferente” é de caráter exclusivamente eufórico. Ser diferente é ser melhor que outros, que a maioria dos meninos de sua idade, representados como não leitores.

Em benefício da naturalização da meritocracia, ressaltada nos discursos sobre a leitura, explora-se a valorização de certos sujeitos, poucos, como meio para a depreciação de outros, de muitos outros. Segundo essa lógica comparativo, competitiva, o responsável por sua condição leitora é o próprio sujeito, são suas escolhas acertadas, assim como pela condição não leitora é também o próprio sujeito o culpado por não ler, logo, pela posição social que ocupa.

Para haver bons leitores deve haver leitores ruins, para haver glória para alguns é preciso que haja derrota para outros. Não é possível proferir um discurso embasado na meritocracia que não esteja alicerçado no engrandecimento individual de um por meio da depreciação e culpa de outro. Tanto nos enunciados de leitores orgulhosos quanto nos enunciados envergonhados de não-leitores, é possível depreender *interdiscursos* que sustentam e embasam essa ideologia meritocrática.

O enunciador, ao dizer que Wagner “sonha com os livros que lê e, para que o sonho não acabe, vai todos os dias à biblioteca comunitária”, faz alusão a outra reiteração contínua sobre a leitura, a de que a leitura transporta o leitor para outros mundos, como o dos sonhos. Essa comparação da leitura com o “sonhar acordado” reduz a leitura como um todo, na medida em que é resumida a textos de ficção, para entretenimento. É inegável que a leitura pode possibilitar a experiência da fantasia, mas é importante destacar que essa característica se

restringe a um tipo muito específico de leitura, o qual não necessariamente compreende todas as possibilidades de leitura e, principalmente, não condiz com as práticas mais ordinárias de sua própria realização. Neste mesmo enunciado também se enfatiza a constância, a frequência, a regularidade no exercício da leitura, como um dos traços do bom leitor. O leitor ideal está sempre lendo.

No enunciado 3, o enunciador, logo após explicitar seu desejo de aumento de jovens que sejam “viciados em leitura”, faz um adendo importante, no qual revela que sua vontade não se restringe apenas à propagação da leitura, mas a de um certo tipo de leitura, especificamente em relação às leituras que são nomeados por ele como as “melhores”.

A esse respeito, por mais que o discurso possa parecer ser proferido de modo pessoal, individual, há nele uma concepção coletiva que nos permite saber a quais livros esse enunciador se refere, de quais gêneros trata e para quais finalidades, mesmo que o enunciador não os especifique no texto. Ele também reitera a ideia de que é preciso ler sempre mesmo que se leia textos não necessariamente adequados, ao afirmar que “não importa que comecem lendo até o pior”, porque o hábito de ler, espontaneamente, levaria o leitor a ler textos melhores.

Abreu (2001), em um de seus estudos, discorre:

Aquilo que os discursos convencionais sobre a leitura ensinam - até mesmo para os professores - é que há leitores de segunda categoria, assim como há cidadãos de segunda categoria: aqueles que não falam a língua da escola e não lêem os livros que a escola gostaria que lessem. "Esquece-se" de que a leitura não é prática neutra, que no contato de um leitor com o texto (assim como de um autor com o texto) estão envolvidas questões culturais, políticas, históricas e sociais. "Esquece-se" de que as diferentes leituras revelam diferentes modos de inserção nas formas da cultura e são condicionadas por elas. (p. 155)

Em relação às diferenças que em geral se estabelecem entre textos com maior ou menor prestígio, de maior ou menor qualidade, a autora também afirma que “Talvez tivéssemos muito a ganhar se considerássemos que as leituras são diferentes e não piores ou melhores; se entendêssemos que diferença não precisa ser sinônimo de desigualdade (Abreu, 2001, p. 156).

Além do que se deve ler, o enunciador pressupõe também uma certa quantidade e ritmo ideal a ser seguido, por meio da mobilização do termo “viciados em leitura”. Sua escolha lexical determina o modo como deve ser a relação deste jovem com essa prática. Conforme Andrei Cezar Silva (2022), ao descrever esta como uma das formas legitimadas de se ler, afirma que:

Segundo a lógica dos enunciados [...] que é própria do discurso corrente sobre a leitura, para ser leitor de verdade, e orgulhoso dessa condição, é preciso ler sempre, ler muito, volumes e volumes, páginas e mais páginas, e fazê-lo em um tempo relativamente curto, ou seja, de maneira voraz. (p.59)

Isto é, não basta ler qualquer coisa, em qualquer velocidade ou com qualquer sentimento, é preciso seguir à risca uma série de pressupostos para que se possa ser considerado um leitor ideal. Esse funcionamento é descrito por Abreu (2001) da seguinte forma:

Uma concepção elitista de cultura torna invisíveis as práticas de leitura comuns. A delimitação implícita de um certo conjunto de textos e de determinados modos de ler como válidos, e o desprezo aos demais estão na base dos discursos que proclamam a inexistência ou a precariedade da leitura no Brasil. (p. 154)

No enunciado 4, a afirmação de que seriam cada vez mais raros os jovens brasileiros que gostam de ler se repete. Essa afirmação, feita sem questionamentos e instaurada como verdade incontestável, remete a uma nostalgia aparentemente ilusória de um passado ideal, que teria abrigado uma nação de leitores apaixonados. Essa percepção não se sustenta se considerarmos os dados do passado, relativos ao número de alfabetizados e daqueles que de fato tinham acesso à educação no Brasil.

No enunciado 5, reiteradamente, se fazem presentes dois discursos: o da raridade de leitores verdadeiramente apaixonados e o da disputa constante entre os leitores por um tipo de pódio que, pela hierarquia, concede ao leitor uma titulação de maior amante da leitura. A escolha do termo “raro”, que aponta para algo muito excepcional, reitera de forma explícita e exagerada a concepção da diminuição constante de leitores verdadeiramente apaixonados, presente em mais de um dos enunciados analisados anteriormente.

Neste caso, em específico, o enunciador faz um recorte ainda mais perverso, para além de um discurso corriqueiro sobre a leitura. Ele não só coloca em cheque o que os brasileiros sentem em relação à leitura, como especifica e valora, em um aposto, uma comunidade particular, “é raro encontrar, entre professores e alunos de letras, a mesma paixão que sente pela leitura”. Essa comunidade é reconhecida pelo seu gosto pela leitura. A menção a “professores e alunos de letras”, como parâmetro para a comparação valorativa, segundo o qual estes não leriam com “a mesma paixão que [o sujeito especificado] sente pela leitura”, instaura uma crítica ainda mais pontual.

A mobilização do termo “a mesma” indicia a competição, a medição e a comparação da paixão pela leitura entre essa comunidade. O que se entende com o discurso da raridade junto ao discurso que se refere à paixão sentida pela leitura é que é raro encontrar leitores

apaixonados, mesmo entre professores e alunos de letras, alguém que seja tão apaixonado quanto a pessoa a que se refere.

Logo, tanto estes enunciados aqui analisados quanto tantos outros que abordam a leitura referindo-se aos brasileiros como não-leitores, todos contribuem para a perpetuação do imaginário segundo o qual os brasileiros não gostam de ler, não tem interesse pela leitura e são raros e excepcionais os brasileiros que de fato são leitores. Essa reiteração contribui para o efeito de verdade disso que se enuncia com frequência, mas também e por isso produzem as práticas e os sujeitos em relação aos quais emitem seus juízos de valor, em um “dizer [que] é fazer”.

Esses sujeitos que enunciam as qualidades da leitura, segundo um imaginário romantizado e elitizado, acreditam atuar em prol de seu fomento e do papel emancipador exercido pela leitura. Alguns se referem a essa prática em um tom salvacionista, assemelhando ao discurso religioso, outros a um tom ufanista, que afirma o potencial de emancipação política, econômica e espiritual dos sujeitos que leem. O que quase nenhum destes que falam da leitura consideram ao incentivarem em versões romantizadas a prática da leitura é o fato de que para ser leitor é preciso ter condições materiais para sê-lo. Segundo Varela e Curcino (2002):

Esses discursos nortearam e norteiam ainda grande parte das ações de incentivo à leitura. A concepção que ainda perdura de que os brasileiros não leem não se baseia em uma constatação empírica, em uma compreensão das razões disso e em uma postura efetivamente preocupada com sua modificação. Ela consiste, em geral, segundo Curcino (2018), em uma concepção essencialista e fatalista: os brasileiros não leem. Disso decorre a concepção simplista e amplamente desenvolvida – derivada, entre outros fatores, de um posicionamento ideológico a favor da meritocracia e comprometido com um certo “complexo de vira-lata”, fatores que aqui vicejam: não leem porque não querem.

Nos recortes encontrados foi possível observar que até mesmo os discursos que abordam a questão da classe e os seus problemas estruturais e educacionais, sempre cedem a um “porém” que relativiza, imediatamente, a raiz da problemática apontada anteriormente.

No entanto, como dados do Censo Demográfico de 2022¹³ mostram, 11,4 milhões de pessoas maiores de 15 anos não sabem ler e escrever um bilhete simples. No grupo etário de 14 a 29 anos, 9 milhões não completaram o ensino médio, sendo 27,4% brancos e 71,6% pretos ou pardos. Tanto para os homens quanto para as mulheres, a necessidade de trabalhar foi a

¹³ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Dados%20do%20Censo%20Demogr%C3%A1fico%20de,foi%20de%207%2C0%25>.

principal razão apontada para o abandono escolar precoce. Para 9,5% das mulheres deste grupo etário, os afazeres domésticos ou o cuidado de pessoas são a razão para terem abandonado ou nunca frequentado a escola, enquanto entre homens, este percentual foi inexpressivo (0,8%).

¹⁴Essa realidade, em sua dimensão material e social, não pode ser ignorada se de fato se quer promover a leitura em nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendendo contribuir com o levantamento de enunciados que geram uma amostra referente a representação do povo brasileiro em relação à leitura, foram analisados, no decorrer desta breve análise, discursos que circularam nos textos de um grande veículo de mídia do Brasil, referente a leitores e não-leitores brasileiros. Foram observadas, nos enunciados analisados, diversas reiteraões reprodutoras de representações consensuais e hierarquizantes da leitura que estigmatizam os brasileiros quando o assunto é leitura. Considerando que os jornalistas e os veículos de mídia de largo alcance ocupam um papel basilar na produção e circulação da verdade por meio de seus discursos, entendemos que há grande responsabilidade no que é dito nesses contextos.

É fato que as feridas são muito mais profundas e as necessidades não são tão simplistas, mas é urgente que os grandes veículos de mídia estejam comprometidos com a divulgação de textos que não contribuam com a invisibilização de problemas históricos-sociais como a distribuição desigual dos recursos necessários para que alguém possa vir a ser leitor.

Contudo, também é fundamental que nós, leitores, permaneçamos atentos aos discursos que produzimos e consumimos, de forma que também estejamos de olhos e ouvidos atentos, sempre comprometidos com uma leitura crítica, a fim de compreendermos com mais afinco os significados que reverberam no texto e seus poderes na subjetivação de um povo e na conservação de culpas que refletem na realidade um cenário de injustiça.

Analisar o funcionamento dos discursos e sua força pode contribuir com a construção de uma visão mais questionadora, sensível e atenta do que lemos e do que falamos, possibilitando a identificação dos discursos de senso comum da realidade, de modo a possibilitar a atenção para as verdadeiras questões que impedem a população de inserir a prática “ideal” da leitura em seu cotidiano.

¹⁴ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em-2023>

O trabalho foi desenvolvido com intuito de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas sobre o funcionamento e o poder dos discursos, principalmente aqueles veiculados pela mídia brasileira, sobre a leitura e seus impactos na realidade. Junto ao LIRE, este estudo visa a promoção da desmistificação de representações parciais, despolitizadas dos brasileiros em sua relação com a leitura. Além da contribuição com os estudos que no Brasil se dedicam aos discursos sobre a leitura, realizar essa pesquisa foi ocasião, para mim, como estudante, intensificar minha formação como pesquisadora, professora e cidadã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.
- ABREU, M. Apatia, ignorância e desinteresse - uma história da leitura no Brasil?. **Revista Desenredo**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/501>. Acesso em: 10, nov. 2024.
- BARZOTTO, Valdir Heitor; BRITTO, Luiz Percival Leme. Promoção da leitura X mitificação da leitura. **Boletim ALB**, n. 3, Rio de Janeiro, Agosto, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CHARTIER, Roger. Ler sem livros. In: revista **Linguasagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/655>. Acesso em: 27, jan. 2025.
- CHARTIER, Roger. **Discursos eruditos e práticas populares. A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- CURCINO, Luzmara. As emoções em discursos sobre a leitura. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. [org.]. **O Discurso e as Emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos**. São Paulo: Parábola, 2024.
- CURCINO, Luzmara. **Mulher, presidenta e leitora: Dilma Rousseff e os estereótipos sexistas na mídia brasileira**. In: FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina; PEÑA, Ester Brenes (org.). El discurso de la mujer en el ámbito profesional y social. Sevilla: Editorial de la Universidad de Sevilla, Colección Ciencias de la Comunicación, n.º 22, 2023. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.12795/9788447224678>. Acesso em: 28, jul. 2024.
- CURCINO, Luzmara. Direito à leitura: do orgulho e da vergonha de ser ou não leitor. **Estudos do Discurso: interdisciplinaridade, interseccionalidade, relevância social - Anais do VIII Colóquio da ALED-Brasil**. Anais...Brasília(DF) UnB, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/aledbrasil2020/282854-direito-a-leitura--do-orgulho-e-da-vergonha-de-ser-ou-nao-leitor/> Acesso em: 08, jan. 2025.

CURCINO, Luzmara. Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. **Álabe - Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura**. Red Internacional de Universidades Lectoras - Espanha. n. 25, 2022. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695>. Acesso em: 20 de julho de 2024.

CURCINO, Luzmara. Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática. **Moara**. vol. 1, n. 57, ago/dez de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8874>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

CURCINO, Luzmara. Imprensa e discursos sobre a leitura: representações dos presidentes FHC, Lula e Dilma como leitores. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 16, Edição Especial “Discurso e argumentação na política latino-americana”, Set. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2223>. Acesso em: 09 de julho de 2024.

CURCINO, Luzmara. **Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores**. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). (In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

CURCINO, Luzmara; CERVEZÃO, Marina Vieira. **“Você por acaso sabe ler?”: uma análise de injúrias culturais em discursos sobre a leitura**. ARAÚJO, Lígia; NOGUEIRA, Luciana; VARONI, Pedro; BARONAS, Roberto [org.]. Estudos discursivos na contemporaneidade: o histórico, o político, o literário e o digital. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

CURCINO, Luzmara; SILVA, Andrei Cezar. **Um quê de exagero e compulsão: representações midiáticas da presidenta Dilma Rousseff como leitora**. In: BARBOSA, Thiago Soares; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos. Discursos em rede: práticas, sujeitos e sentidos. EdUFT, 2024. Disponível em: [Vista do v. 1 n. 9 \(2024\): DISCURSOS EM REDE: Práticas, Sujeitos e Sentidos \(uft.edu.br\)](https://www.uft.edu.br/vista-do-v-1-n-9-2024-discursos-em-rede-praticas-sujeitos-e-sentidos).

CURCINO, Luzmara; ROSA, Gustavo, VARELLA, Simone. **“Li tudo”: discursos sobre a leitura e o orgulho de ser leitor**. In: ANDRADE, E.; BORGES, G.; NETO, J.; LUTERMAN, L.; VIEIRA, M.; MELO, S. [orgs.]. Estudos Linguísticos e Interculturalidade: texto, discurso e ensino. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2022.

CURCINO, Luzmara; VARELLA, Simone Garavello; OLIVEIRA, Jéssica. Apresentação. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019. https://www.researchgate.net/publication/342534825_Discursos_sobre_leitores_e_leitura_suas_representacoes_simbolicas_como_tema_de_pesquisas. Acesso em: 05 de novembro de 2024.

CURCINO, Luzmara; SANTANA, Júlia; GARAVELLO, Simone. **Discursos sobre a leitura na mídia brasileira: o que se enuncia sobre ‘catadores de lixo’ e ‘moradores de rua’ como comunidade leitora**. Anais do II Colóquio Discurso e Práticas Culturais. v. 2. Fortaleza: Grupo de Pesquisa. Fortaleza, UFC, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/11RucY6eW9jobljKFzgd0_dX0J6poamxV/view?usp=sharing.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; FERÉ, Liz. L'ethos discursif. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 53, n. 3, p. 319–320, 2018. DOI: 10.15448/1984-7726.2018.3.32981. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/32981>. Acesso em: 27 jan. 2025.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HEY, Ana Paula. **Poder simbólico**. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice;

HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. (Organização). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PÊCHEUX, Michel. [1983]. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas / São Paulo: Pontes, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido**. In: POSSENTI, S.; CHACON, L. (orgs.). *Cadernos da FFC: Análise do Discurso*. Marília/São Paulo, n.2, v. 6, 1997.

SILVA, Andrei Cezar da. **Orgulho de ser leitor: uma análise discursiva do que enunciam jovens leitores sobre si e sobre a leitura em postagens na rede social SKOOB**. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15799>.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez editora, 2002.

ROSIN, Pâmela; GOMES, Robert Moura Sena. Vergonha versus Orgulho: as emoções ligadas às práticas de leitura #desafio1livropormês da tag literária. **Revista Sede de Ler**, vol. 8, n. 1, jul/dez 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/sededeler/article/download/46538/29346/172546>

SILVA, Jeniffer; CURCINO, Luzmara. A vergonha e o orgulho em 'memes' sobre a leitura. **Estudos Linguísticos**, v. 51, n. 2, p. 856-874, ago. 2022. Disponível: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3331/2137>

VARELLA, Simone Garavello.; CURCINO, Luzmara. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo-campanhas em prol dessa prática. **Desenredo** V. 10, 2014, p. 337-354. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4157/3091>. Acesso em: 10 jun. 2024.

VARELLA, Simone G.; CURCINO, Luzmara. Liga Brasileira contra o Analfabetismo: uma análise discursiva de sua 'cruzada' em prol da leitura. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 22, n. 1, p. 53-64, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/SfzWSHkqHFbTBVVGKp4QTL4z/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

ANEXOS

ANEXO 1:

Educação, a saída para vencer a alienação

Rafael Brito da Silva

O Brasil é um país que cresce a cada dia; seu desenvolvimento é constante, mas é preciso frisar que ainda somos portadores de grandes problemas políticos, econômicos e principalmente sociais. As dificuldades políticas e econômicas são tratadas com afincamento pelos governantes.

Os líderes

partidários não

querem criar

um povo que

pense, que saiba

questionar

seus direitos

Estes vêm o país como uma caixa registradora que deve aumentar cada vez mais suas virgulas; esquecendo-se de dificuldades que deveriam receber mais atenção, como a educação.

A educação não consiste somente em saber ler e escrever. Ela vai além desse simples conceito que está plantado na cabeça de todos: ela é um direito de todos como verdadeiros cidadãos. Educação trata também do desenvolvimento moral e físico, como diz o dicionário, mas infelizmente estamos longe de termos esses conceitos juntos de forma igualitária.

O governo não enxerga ou não quer enxergar que o analfabetismo assola o Brasil de norte a sul, prejudicando os cidadãos. A grande verdade é que os líderes partidários não querem criar um povo que pense, que saiba questionar seus di-

reitos, como deve ser feito. O que eles querem é um povo alienado, ignorante, fácil de se vender por um pouco de dinheiro ou, em muitos casos, por um pouco de comida; o que acontece com frequência nas áreas mais pobres do país. O voto é muito importante e quanto mais analfabetos existirem mais votos haverá para encher as urnas de nossos "defensores políticos".

É vergonhoso para uma nação ter um povo que não saiba ler nem escrever. Como é deprimente ver pessoas vendendo sua dignidade, seu caráter, por uma mixaria. Mas não podemos esquecer que elas foram criadas para aceitar qualquer coisa sem aos menos perguntar o porquê. Para mudar isso serão necessários anos e muita paciência.

Claro que não devemos culpar apenas os políticos pela falta de educação. Nós também somos os responsáveis pela baixa cultura, pela falta de interesse pelos estudos. Como cidadãos, temos a obrigação de lutar, de reivindicar nossos direitos. Reivindicar e reclamar fazem parte do ato de cidadania. A população fica quieta diante de um problema que a atinge diretamente, talvez por não perceber, já que está ocupada vendo TV. Se ao menos estivesse lendo um livro, mas, se estivesse, perceberia que a educação está aludando num coquetel de negligência e falta de cultura.

A leitura é um ato que está sumindo do cotidiano dos brasileiros; se é que já esteve algum dia. Por que os brasileiros têm tanto medo de ter um livro nas mãos? O ato da leitura é um feito

magnífico que deveria ser apreciado por todos. Não há nada mais prazeroso do que sentir o passar das folhas; sentir as palavras entrando na mente, instigando a imaginação. É impressionante que uma coisa tão pequena por fora seja tão grande por dentro. O livro é uma selva de palavras a ser desbravada.

A luta pela educação tem que ir além do livro e do lápis. A moralidade é um termo a ser discutido. A moral faz parte da educação. Ela vem do berço para ficar conosco até o fim de nossos dias. Essa é uma das poucas coisas que o dinheiro não consegue comprar. A educação verbal é uma coisa que todas as pessoas podem ter, independentemente de classe social ou de condição financeira. A grande questão é que há um mito criado por nossas mentes preconceituosas de que todo pobre ou todo favelado não tem educação. O que não sabemos é que tem muito pobre e muito favelado que é mais educado que muita gente rica, que por causa do dinheiro acha que pode falar com os outros como bem entende.

Somos cidadãos e devemos exaltar a educação, antes que esqueçamos que ela existe e que faz parte de nossa cidadania. Temos que deixar de ser governados para ser governantes, pois só assim conseguiremos um país melhor, onde o povo saiba pensar e questionar seus direitos, deixando de ser máquinas de votos alienadas. ■

ARTIGO de Rafael Brito da Silva, de 16 anos, de Niterói, RJ

SILVA, R. B. Educação, a saída para vencer a alienação. O Globo, Coluna Cidadão do Futuro, p. 9, 22 de junho de 2002.

ANEXO 2:

ZUENIR VENTURA

Um velho e bom vício

O Riocentro é tão longe que, no domingo, surgiu na Bienal do Livro a seguinte piada: “Está ótima. Pena não ser no Rio.” A gracinha substitui uma outra mais velha: “Se é aí o Riocentro, onde será o Riopereferia?” Pois isso não impediu que quase cem mil pessoas fossem até lá no fim de semana para essa grande festa do livro. Aliás, nem a distância, nem o sol de outono e as praias cheias, nem o medo da violência. Os organizadores temiam que o evento, este ano, pudesse sofrer os efeitos da situação atual. Se as pessoas não viajam mais à noite para as cidades vizinhas e estão preferindo o táxi aos próprios carros, temendo assaltos, como iriam se deslocar para aquela lonjura, numa viagem que pode durar mais de uma hora, passando por zonas de risco?

São as boas surpresas dessa cidade que às vezes é a mais violenta e às vezes a mais cordial do mundo; que é capaz de matar por bala perdida, mas também de reunir 2 milhões de pessoas no réveillon de Copacabana sem conflito; que lê pouco, mas que ocupa um espaço de 50 mil metros quadrados para comprar livros — comprar ou simplesmente folhear, ver, tocar, em suma, vai por causa dos livros ou dos que os escrevem.



Antes que um daqueles chatos do tipo “mas-isso-não-resolve” o diga, a Bienal não veio para dar jeito no analfabetismo ou no problema da falta de leitura. O que ela faz é promover a aproximação lúdica, alegre, prazerosa das pessoas, principalmente crianças e jovens, com os livros e seus autores. Se esse contato físico vai virar dependência química, não se sabe. Mas seria muito bom que criasse o hábito, e que este, com o tempo, aumentasse entre os jovens o número de viciados em leitura. Não importa que comecem lendo até o pior, porque aos poucos podem ir aprimorando o gosto e chegar ao melhor.

Não é fácil tarefa, já que existem os que não querem nem chegar perto. Vi outro dia, na televisão, adolescentes confessarem sem constrangimento que este ano não pegaram sequer num livro. Não sabem, mas deixaram de curtir um objeto de prazer tão fascinante quanto a TV, a internet e o vídeo game.

Não há dúvida de que a Bienal ajuda no processo de sedução e iniciação. O que mais se vê lá é criança brincando com livro — pegando, folheando e até mesmo lendo. É assim que começa o vício. Experimentando. Um tapinha num livro aqui, outro ali, e pode ter sido criado o hábito.

VENTURA, Z. Um velho e bom vício. O Globo, Coluna Opinião, p. 7, 21 de maio de 2003.

ANEXO 3:

O sonho de Wagner

TITE DE LAMARE

Verão, manhã ensolarada. Wagner entra no prédio branco que se distingue entre as árvores copadas do Campo de São Bento, em Niterói. A estatura franzina, roupas simples e um tênis velho o identificam como um menino pobre. Os óculos de lentes muito grossas não disfarçam o brilho que ilumina seus olhos ao retirar um dos livros da Biblioteca Infantil Anísio Teixeira, uma das raras bibliotecas dedicadas exclusivamente a crianças e jovens, no Rio de Janeiro, dona de um acervo de 10 mil títulos. Se Wagner fosse paulista, estaria mais bem servido: São Paulo tem 36 bibliotecas dedicadas à área de pesquisas escolares e de literatura infanto-juvenil.

Wagner é um menino diferente: aos doze anos, ele sonha com os livros que lê e, para que o sonho não acabe, vai todos os dias à biblioteca comunitária, onde é um dos poucos e assíduos frequentadores. Do outro lado da baía, Zona Sul do Rio, na biblioteca de 18 mil volumes da Escola Americana, John e Mary festejam a chegada de uma pilha de novos títulos vindos dos Estados Unidos. Os volumes estão ali para integrar um acervo anualmente renovado, e muitos livros são vendidos nesta data, a preços acessíveis, aos alunos do colégio.

Mary e John nasceram em um país onde as políticas públicas de educação permitiram que em cada bairro de cada pequena cidade, uma criança fosse incentivada a usar a biblioteca comunitária, além do fato de frequentarem regularmente a biblioteca de sua escola.

No Brasil, a biblioteca é utilizada, sobretudo, como local para a rápida pesquisa escolar. O livro perde o seu valor simbólico, e a literatura é relegada aos desvãos sombrios de estantes esquecidas. Ler para viver, escreveu Flaubert,

o grande escritor francês. Ler para sobreviver e exercer a cidadania, seria um lema a ser adotado em nosso país.

No Brasil, onde Wagner nasceu, a inexistência ou intermitência de programas de incentivo à leitura foram moeda corrente até que, nos últimos anos, governo e sociedade puseram a mão na massa e nasceram os mais de 600 programas de apoio ao livro e à leitura atualmente em execução no país.

Apesar do esforço para dinamizar o setor, 172 milhões de brasileiros dispõem de apenas 3.900 bibliotecas públicas, sendo que a sua maioria pertence às redes municipais e contam com menos de dois mil volumes. Mas não há dúvida quanto aos avanços: o programa Uma Biblioteca Em Cada Município, do Ministério da Cultura, criou, de 1996 a 2001, mais de 1.300 novas bibliotecas em território nacional. Não é o

suficiente, porém. O México, em 10 anos, implantou 5.000 bibliotecas públicas.

“A literatura e a educação dão a oportunidade a cada indivíduo de modelar com liberdade a sua personalidade, de modo que, no milagre de realizações posteriores, esteja cada valor em seu lugar próprio e que nenhum poder fique sem aproveitamento” — foi o que disse Cecília Meireles, uma das precursoras, assim como Anísio Teixeira, da teoria que revolucionaram a educação brasileira nos anos 30. Talvez poucos saibam que a grande poetisa fundou a primeira biblioteca e centro cultural infanto-juvenil do Brasil, no antigo Pavilhão Mourisco, no Rio de Janeiro. O Pavilhão foi fechado em 1937, pelo Estado Novo, sob a alegação de que tinha, entre seus livros, um título de material subversivo: “As aventuras de Tom Sawyer”, de Mark Twain, como informa a professora Jussa-

Marcelo

ra Santos Pimenta em trabalho apresentado na PUC do Rio de Janeiro. Se o Pavilhão tivesse sobrevivido ao modelo autoritário do Estado Novo, Wagner poderia ser, hoje, um usuário entusiasta da primeira biblioteca Infanto-Juvenil do Rio de Janeiro.

Mais de 70 anos depois do sonho de Cecília Meireles ter se desintegrado, ainda há um enorme contingente de crianças no Estado do Rio que não tem por hábito ler em família ou visitar a biblioteca comunitária. Neste ambiente, a biblioteca escolar passa a ser a única alternativa capaz de colocar as crianças e os jovens em contato com os livros. Porém, de acordo com notícia publicada neste jornal, 40% dos alunos do ensino fundamental no Rio estudam em escolas que não têm bibliotecas. Seriam quase 1 milhão de estudantes que não podem contar com os livros emprestados ou realizar pesquisas em bibliotecas escolares.

Mais grave é saber que, nas famílias de baixa renda, adultos e crianças sofrem de analfabetismo funcional. São indivíduos que mal se expressam ou leem, e são incapazes de usar a informação escrita. Na era da informática e da tecnologia, o Brasil ainda tem 16 milhões de analfabetos.

Wagner é uma exceção entre os meninos de seu país. Poderá integrar, no futuro, uma faixa social que o professor Otaviano de Fiore, ex-secretário do Livro e da Leitura do Minc, chama de “vanguarda intelectual dos pobres”, assim denominados os brasileiros que vêem na cultura escrita um instrumento para a família emergir da pobreza. Wagner quer ser artista quando crescer. Cecília Meireles, lá de cima, sussurra um de seus versos: “A vida faz-se de sonho, mas de sonho clarividente”.

TITE DE LAMARE é jornalista.



LAMARE, T. O sonho de Wagner. O Globo, Coluna Opinião, p. 7, 26 de abril de 2003.

ANEXO 4:

BIENAL
INTERNACIONAL
DO LIVRO 2007

Duras críticas a Renan e ao povo

Em dia de Brasil em pauta, Gabeira lança movimento pela derrubada do presidente do Senado

Carol Zappa*, Miguel Conde e Suzana Velasco

• Sai o Oscar Freire, entra o sertão nordestino. Ontem, na XIII Bienal do Livro do Rio, o deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ) aproveitou um debate com o educador Candido Mendes, mediado pelo pesquisador e filósofo Adauto Novaes, para lançar um novo movimento político. Em vez do "Cansel", liderado por empresários que circulam pela famosa rua de São Paulo, Gabeira propôs a criação do "Se entrega, Corisco!", pela derrubada do presidente do Senado Renan Calheiros (PMDB-AL). O nome é referência à frase dita pelo caçador de cangaceiros Antônio das Mortes no clássico filme "Deus e o diabo na terra do sol", de Glauber Rocha.

A política, como se esperava, deu o tom do primeiro domingo da Bienal. Mais numerosos do que em qualquer edição anterior da feira, os debates e palestras ainda não resultaram num aumento de público (foram cerca de 150 mil visitantes nos primeiros quatro dias, números próximos aos de 2005), mas aumentaram a ressonância cultural do evento, onde, além do movimento de Gabeira, críticas ao governo e ao povo brasileiro esquentaram as conversas.

Para Candido Mendes, Brasil é "conformado e domesticado"

No debate "Sociedade em movimento: educação, política, legislação e protesto", Gabeira criticou principalmente a falta de transparência na votação do Senado:

— Por que não conseguimos derrubar Renan Calheiros quando grande parte do país considera claramente que ele não pode ser presidente do Senado? Quando um político é objeto de acusações, deve se retirar, ou está assumindo que é culpado. Nossa tarefa é derrubá-lo. Ninguém pode permitir uma República sem transparência, que é a base da democracia.

Quando Adauto Novaes sugeriu que o intelectual clássico e engajado, desaparecido com Jean Paul Sartre, havia dado lugar ao intelectual anônimo e coletivo que retomava as discussões pela internet, o acadêmico Candido Mendes fez duras críticas à falta de mobilização social do povo brasileiro, dizendo que a manifestação de internet não resolve o problema.

— O Brasil é o país do "tudo bem", conformado e domesticado pela cultura das novelas e do futebol. A mudança nasce do protesto social. Nessa semana de vergonha nacional, em que Renan Calheiros foi absolvido, o



CANDIDO MENDES (à esquerda), Adauto Novaes e Fernando Gabeira durante debate na Bienal: inspirado pelo cangaço, deputado propôs a criação do "Se entrega, Corisco!"



O ESCRITOR João Ubaldo: "Ouso dizer que somos um povo deprimido. Não falo só da classe média"

povo manda e-mails de protesto e acha que está com a consciência tranqüila. Não. É preciso botar a cara a tapa, como nas Diretas Já ou na Marcha dos Cem Mil — disse Mendes.

Quando o debate já havia terminado, porém, uma surpresa: o ator Carlos Vereza apossou-se do microfone e alertou para o perigo de ficar teorizando em cima do episódio Renan Calheiros:

— O que querem é desmoralizar o Senado. É um grande gol-

pe para desestabilizar a instituição e deixar a CPMF bancar o terceiro mandato de Lula.

Em outro debate, no Café Literário, o escritor João Ubaldo Ribeiro, autor do clássico "Viva o povo brasileiro" (Nova Fronteira), disse que hoje esse é "um povo deprimido".

— Somos um povo que desconfia do futuro e alimenta sonhos que certamente serão frustrados. Ouso dizer que somos um povo deprimido. Não falo só da classe média. Lido com gente

de todas as classes. Meus amigos da minha terra natal, por exemplo, recebem o Bolsa Família, que é um programa assistencialista da pior qualidade, e, embora isso os ajude a beber mais um pouquinho, também estão deprimidos — disse o autor no debate com o poeta Geraldo Carneiro mediado pela jornalista Regina Zappa.

Ubaldo criticou diretamente o presidente Lula ao falar sobre os baixos índices de leitura no país.



PRIMEIRA DA FILA: Leticia e Ziraldo

• Ziraldo causou alvoroço no primeiro domingo da Bienal. Uma fila de dezenas de metros de comprimento formou-se à frente do estande da Melhoramentos para a sessão de autógrafos do novo livro do escritor, "Menina das estrelas". Leticia Rosa Soares, de 10 anos, chegou às 13h20m para garantir o posto de primeira da fila.

— Não é porque o livro é caro que as pessoas não leem. Todo mundo tem dinheiro para comprar CD. Acontece é que a maioria das pessoas não gosta mesmo de ler, porque cansa, ou porque foi educada para odiar a leitura. Somos um país que lê pouco e pelo visto vai ler ainda menos no futuro, já que o presidente tem feito todos os esforços possíveis para desestimular os brasileiros a fazerem essa coisa tão desagradável que é ler — afirmou, sendo

aplaudido pela platéia.

Entre outros debates polêmicos de ontem estão as sessões da série Opinião — na qual o público vota no final — na Esquina do Leitor. Na primeira, "Será que Deus existe?", 81,6% dos espectadores responderam sim à pergunta. Na segunda, "Aborto: crime ou direito?", o resultado foi mais dividido: 53,8% opinaram a favor da legalização e 46,2% condenaram a prática. ■

* Especial para o Globo Online

ZAPPA, C; CONDE, M; VELASCO, S. Duras críticas a Renan e ao povo brasileiro. O Globo, Coluna Rio, p. 10, 17 de setembro de 2007.

ANEXO 5:

Procedimento do prazer

Argentino diz-se adepto da vanguarda, em busca de novos padrões de gosto e qualidade

ENTREVISTA

César Aira

Impossível conhecer a literatura argentina, hoje, sem passar pela prosa de César Aira (1949), considerado um dos maiores escritores em atividade no seu país. Autor prolífico — com mais de 50 volumes publicados, entre novelas, romances, ensaios, teatro —, Aira é também anticanônico (crítica o autoritarismo do dito "cânone"), de vanguarda (ou em busca desta) e

um polêmico que não teme a discussão literária com seus pares. Nesta entrevista (por e-mail, pois ele não mantém conversações telefônicas), Aira ignorou a pergunta sobre os outros dois argentinos que estarão com ele na Flip (Alan Pauls e Rodrigo Fresán), e reiterou que a literatura brasileira é a maior da América Latina — sendo João Gilberto Noll seu maior nome hoje, afirmou. Lançou há poucas semanas no Brasil "Pequeno manual de proce-

dimentos" (Arte & Letra), coletânea de ensaios sobre literatura. No ano passado, a Nova Fronteira também publicou "As noites de Flores", romance ambientado no bairro onde o autor mora, e "Um acontecimento na vida do pintor-viajante", em que Rugendas se vê des(trans)figurado no interior da Argentina e no qual Aira põe em cena os limites do "procedimento" artístico. Dele, a Iluminuras também lançou há alguns anos "A trombeta de vime".

Rachel Bertol

Prolífico

O GLOBO: Como consegue publicar tanto? Tem uma rotina de muita disciplina? Acredita-se um obsessivo (tantos escritores assim se definem...)?

CÉSAR AIRA: Meu único sistema, e creio que é o melhor, consiste em escrever por prazer. Com nossos prazeres somos bastante estritos; são as obrigações que postergamos. Com o tempo, vi-me com uma rotina deliciosa, ao me dedicar a cada dia um pouco à invenção; aí tenho a liberdade que é tão escassa no resto da existência. Não sou obsessivo, porque posso passar semanas e meses sem escrever, e quando escrevo é apenas meia página ou uma página por dia. Sou muito lento, penso dez vezes cada palavra, e dou cem voltas a cada frase antes de escrevê-la. Na realidade, o segredo para ser prolífico não é escrever muito, mas escrever bem.

Procedimento

• Segundo sua teoria, os grandes artistas do século XX foram os que inventaram "procedimentos". A palavra é tão importante para o senhor que está no título do livro que lançou recentemente em Curitiba. É mais importante, pois, que a inspiração? Utiliza-os sempre?

AIRA: Em algum momento de minhas fantasias teóricas me entusiasmei com a idéia dos "procedimentos", como os de Raymond Roussel, que geraram automaticamente os relatos. Era um modo de liberar-se da subjetividade burguesa, de toda a velha máquina psicológica. Mas nunca utilizei nenhum procedimento. E, olhando para trás, dou-me conta de que quase tudo o que escrevi é subjetivo, psicológico, autobiográfico e nasceu da mais velha e tradicional inspiração. A moral é que não se deve acreditar muito nos escritores quando teorizam.

Vanguarda

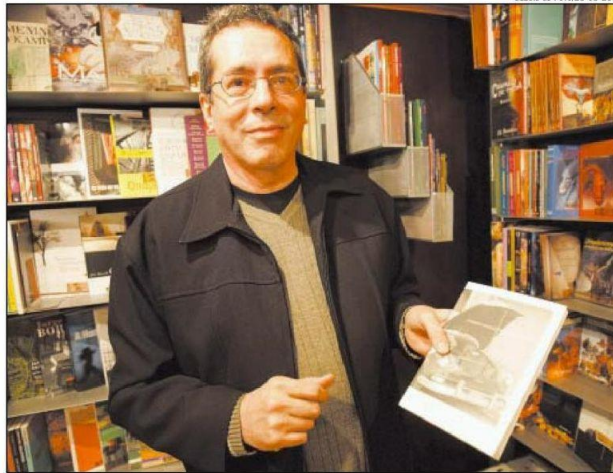
• Na sua opinião, a única saída para a arte, hoje, é ser de vanguarda. Acredita, pois, ser um autor de vanguarda, um artista em busca da reinvenção da arte, como já definiu o artista de vanguarda?

AIRA: Querida considero-me um escritor de vanguarda, se "vanguarda" se entende como a criação de novos paradigmas de gosto e qualidade. A "retroguarda" então seria ajustar-se ao gosto estabelecido, e eu sempre fui contra o gosto dos leitores, inclusive meus poucos e queridos leitores.

Gênero

• Costuma aventurar-se por diferentes gêneros — novela, ensaio, teatro... Até um dicionário de literatura latino-americana escreveu. Que liberdade cada gênero lhe proporciona?

AIRA: Sempre fui narrador, e deveria ter sido só um narrador de histórias. Mas em certo momento obrigui-me a escrever ensaios. Fiz isso sobretudo para deixar um testemunho de minha experiência de leitor. Mas nunca conseguí me acostumar. Um ensaísta deve dizer alguma espécie de verdade, e o narrador está mais bem comprometido com a mentira. Segui escrevendo ensaios para desfrutar o contraste: quando termino um e volto ao ro-



CÉSAR AIRA: o ficcionista argentino afirma ter se tornado ensaísta para deixar um testemunho da sua experiência de leitor

TRECHOS DE "PEQUENO MANUAL DE PROCEDIMENTOS"

"É preciso distinguir a literatura dos livros em geral. Estes são o repositório do saber, ainda hoje o mais eficaz, completo e ordenado. Daí vem a pressão social para que se leia, bem como o prestígio da literatura".

"A literatura não é obrigatória. Podemos prescindir dela e levar uma vida útil e feliz. De fato, é uma das poucas coisas não obrigatórias que ainda restam, e, nesse sentido, se assemelha mais a um gesto de resistência que à contribuição de um bom

cidadão ou bem social. Daí ser um tanto incongruente a promoção da leitura feita a partir do poder estabelecido, incongruência atenuada pela suspeita de que aqueles que exercem o poder não fazem o que predicam, e graças a isso exercem o poder".

"Se nos perguntamos qual o segredo de Puig, que o torna tão diferente e superior a todos os romancistas argentinos seus contemporâneos, creio que a resposta está em que os

romances de Puig se beneficiam pelo movimento de um interesse intrínseco, não (...) aquele que pode despertar nos leitores, mas o que move seus atores".

"A ferramenta das vanguardas (...) é o procedimento. Para uma visão negativa, o procedimento é um simulacro enganador do processo pelo qual uma cultura estabelece o "modus operandi" do artista; já para os vanguardistas, trata-se da única possibilidade para reconstruir a radicalidade constitutiva da arte".

manche, sinto melhor a imensa liberdade que tenho para mentir, para ser inocente, absurdo.

Cânone

• Parece-me que o senhor gosta muito de botar sempre o cânone em questão. É um "procedimento"?

AIRA: Não sou crítico, nem professor, nem historiador da literatura. Sou um leitor, e um leitor agradeço porque a leitura foi a ocupação mais constante da minha vida, e meu maior prazer. O cânone de um leitor são todos os autores que amou, e eu os amei a todos, ou a quase todos. O que não aceito destes "cânones" de que se fala hoje é seu aspecto prescritivo e autoritário. A melhor leitura é a que não é obrigatória, e cada leitor deveria decidir por si o que é bom ou mal.

Preferência

• No lugar de autores já canônicos, como Cortázar ou Saer, prefero, por exemplo, Manuel Puig, nem sempre tão canônico. Por que não Cortázar, nem Saer? O que acha de Borges?

AIRA: Tampouco gosto de Jorge Amado ou de García Márquez ou X ou Y ou Z. E, sim, gosto de Puig e Borges e A e B e C. E daí? Não pretendo impor meus gostos a ninguém. Os leitores somos democráticos por natureza, e também por conveniência. Como a única coisa que queremos é que nos deixem seguir lendo em paz, respeitamos os gostos alheios para que respeitem os nossos.

Polêmica

• Também não teme a polêmica: por que as desavenças? Além de uma questão de personalidade, há

• NA FLIP
Sábado, dia 7, às 11h45m, Aira participará da mesa "Dois lados do balcão", com Silvano Santiago. Ensaístas e ficcionistas, eles discutirão como é escrever num gênero e noutro.

nisso algo que se refere a uma postura de honestidade diante da obra? Fale-nos um pouco da literatura argentina hoje... O que acha de Ricardo Piglia?

AIRA: Se falo mal de Piglia, posso estar certo de que Piglia vai falar mal de mim, de modo que a polêmica é demasiado previsível e sem interesse.

Flores

• Como é morar em Flores, o típico bairro portenho que inspira, entre outras, uma das narrativas lançadas no Brasil no ano passado ("As noites de Flores")?

AIRA: Fui viver em Flores em minha juventude, por acidente, e lá continuei por inércia. É um bairro sem atrativos especiais, que além disso me fez invisível pelo hábito. É ideal para a classe de romancista que sou. Obrigá-me a usar a fundo a imaginação. Ao ser tão cinza, tão neutro, todo o drama e a emoção de meus romances ambientados em Flores tenho eu mesmo de inventá-los.



Brasil x Argentina

• Apesar de ter diversas obras publicadas, poucas foram editadas no Brasil. Como explica o abismo cultural que existe entre os países vizinhos? AIRA: Não consigo explicar. Talvez se deva a que além de ter línguas distintas temos histórias e sociedades muito distintas. E estamos perto demais para que haja um atrativo de exotismo, como com o Japão. O leitor médio argentino sabe muito mais da literatura japonesa que da brasileira. Mas o bom leitor nunca é um leitor "médio", e os bons leitores argentinos não precisamos esperar as traduções.

Literatura brasileira

• O que acha das letras brasileiras? AIRA: Sem ânimo de fazer demagogia, acredito sinceramente que a literatura brasileira é a mais rica do continente. Sempre e em todos os gêneros, incluídos os não especificamente literários, como a sociologia ou a história. No século XIX, nenhum país latino-americano teve um romancista tão grande quanto Machado de Assis. E, no XX, seria necessário reunir o máximo de vários países (Borges, Lezama Lima, César Vallejo) para haver um equivalente de Guimarães Rosa, Clarice, Mario de Andrade, Dalton Trevisan, João Cabral e tantos mais. E hoje não há em nenhuma parte um escritor com a grandza de João Gilberto Noll.

Telefone

• É verdade que detesta falar ao telefone? Por que?

AIRA: Cresci no campo e falei ao telefone pela primeira vez aos 20 anos. Nunca me acostumei. Não consigo manter uma conversa por telefone. E notei que transmitim muito mais notícias ruins que boas. (Isso não impede que eu considere "O gorila", de Sérgio Sant'Anna, uma obra-mestra do conto).

Temas

• Até hoje, na sua literatura, como surgiram os temas sobre os quais escreveu? O que lhe seduz num tema?

AIRA: Não sei se saberia o que falar de "temas". Meus romances nascem de uma ocorrência ou inspiração fugaz, e a partir daí eu improviso à medida que vou escrevendo, mudando a direção todo o tempo. Não sei qual será o "tema" que vai prevalecer no fim.

Nobel

• Gosta de Coetzee, o Nobel sul-africano que virá à Flip também? Ou preferia Nadine Gordimer, outra Nobel? AIRA: Não li nenhum dos dois. O último Prêmio Nobel que li foi Beckett, e não o li porque ganhou o Prêmio Nobel. ■

AIRA, C. Procedimento do prazer. O Globo, Coluna "Prosa & Verso", p. 8, 30 de junho de 2007.

Para ler de forma radical

Lições sobre leitura ideal não levam em conta restrições contemporâneas

Para ler como um escritor — Um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los, de Francine Prose. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Apresentação e pós-fácio de Italo Moriconi. Jorge Zahar Editor, 320 páginas. R\$ 44,90

Sérgio de Sá

Para ler como um escritor” é “um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los”. Destinada tanto a leitores como a candidatos a escritor, a obra da americana Francine Prose pretende despertar o desejo e a paixão pela leitura que entra e sai por meio da escritura, e vice-versa. Assim, não seria possível a um manual nesses moldes outra opção que não a do *close reading*, a leitura colada no texto.

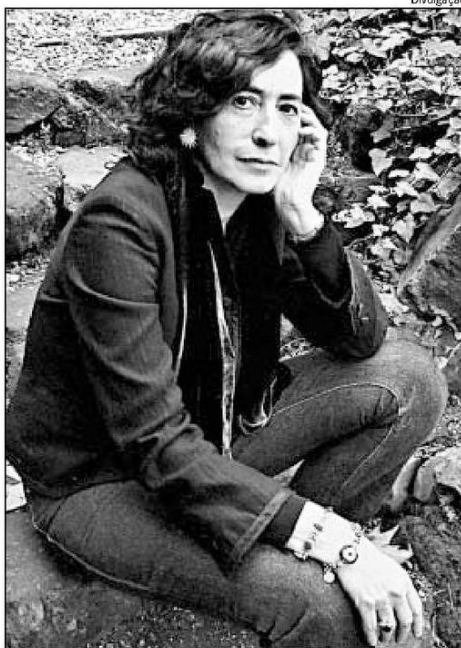
A escritora e ensaísta está sempre à procura do texto “escrevível”, do qual nos fala Roland Barthes, o texto que faz da legibilidade móvel a ação. Convoca o leitor a mudar de papel, ou melhor, leva-o a querer se inscrever no papel. A idéia de “ler como um escritor”, depois de compartilhada com todos, sugere abordagem erótica da linguagem, a partir de uma aproximação em ordem crescente: palavra, frase, parágrafo, narração.

Além desses itens estruturais e da suposição de que os escritores devem ser mais treinados para perceber o inusitado nas entrelinhas da ficção, Prose dedica capítulos ao personagem, ao diálogo, ao detalhe e ao gesto. De autor em autor, de narrador em narrador, ela vai dando suas lições de *creative writing* (escrita criativa), recolhidas após larga experiência em várias e importantes universidades dos Estados Unidos.

Livro se deixa tomar pela idéia da arte pela arte

Grudado na intimidade da narrativa, o livro se deixa tomar pela idéia da arte pela arte, ainda enxergando a literatura de maneira autônoma, fechada. Qualquer aumento na lente da leitura faria ver que a cultura literária se submete a outros movimentos, sobretudo midiáticos. Mas Prose não dá bola para o que ela chama de moda. Gostaria de ser um Harold Bloom, em vertente mais popular.

Se estamos falando de dentro e para uma tribo, tudo bem. Entretanto, para sobreviver na selva contemporânea, aqui ou lá, o escritor iniciante



FRANCINE PROSE: no capítulo sobre Tchecov, livro chega a seu ápice

precisa saber que o espetáculo vai continuar. “Para testemunhar do olhar e da sua experiência é que ainda sobrevive a palavra escrita na sociedade pós-industrial”, ensina Silvano Santiago há mais de 20 anos, no desfecho de “O narrador pós-moderno”.

Quando leitor e escritor iniciante estão imersos em informação audiovisual, o que significa a ficção literária? Prose não tolera a abordagem dos estudos culturais ou de qualquer outra corrente teórica mais ou menos sistematizada que use a literatura para fins de pensamento. Tanto é assim, que não suportou um programa de PhD e foi ser jornalista e escritora na vida. Em nome do amor pela leitura.

Em qualquer lugar, o discurso antiaacadêmico soa tolo quando diz que só se encontra a verdade na “vida real”. Na literatura, ela estaria na leitura lenta e exaustiva, na dedicação exclusiva ao sabor e ao prazer do texto. Ao afirmar, contudo, que é raro encontrar,

entre professores e alunos de letras, a mesma paixão que sente pela leitura, tem razão. E um discurso pró-estética tenta hoje reverter esse quadro.

Se desconsiderarmos os equívocos em relação ao mundo contemporâneo, “Para ler como um escritor” faz aproximações sedutoras a contos e romances clássicos, que Prose classifica como obras-primas. Em sua nostalgia do literário, analisa o discurso em busca dos sentidos escondidos. Na maior parte do tempo, admira-se a capacidade sugestiva. Uma imaginação de ficcionista. Às vezes, parece exibicionismo: olha como consigo ver o que mais ninguém vê.

As esferas literárias do Brasil e dos Estados Unidos são bastante distintas, em alcance e, conseqüentemente, no valor cultural que cada uma arrecada junto à sociedade. Além de mais útil para o escritor principiante, o livro de Prose deve espantar o nosso dito leitor comum, que enfrenta dois problemas.

O primeiro é desconhecer parte dos autores do cânone privado de Prose, como Henry Green, Denis Johnson e Richard Price. O segundo: ler em tradução um ensaio que está preocupadíssimo com a minuciosidade, a obsessão pelo detalhe. Traduzido (em alguns casos, o que já é tradução para o inglês), esse dissecar pede concentração extra do leitor, porque o dito tende a escapar pelas beiradas, quase como uma contradição ao que propõe o próprio livro.

Em apresentação e capítulo para a edição brasileira, o crítico literário Italo Moriconi, professor da Uerj, tenta reduzir o impacto ao abrisleirar momentaneamente o método. Moriconi lê de perto Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis e Graciliano Ramos. Assim como Prose faz com literatura americana e de outras línguas e nacionalidades — e isso está a seu favor —, Moriconi monta uma lista de livros brasileiros “para ler imediatamente”.

Aprender a dialogar com uma nova situação

A aula de Francine Prose chega ao ápice no capítulo dedicado a um autor russo: “Lendo Tchecov, eu me sentia não exatamente feliz, mas tão perto da felicidade quanto eu sabia que poderia chegar. E ocorreu-me que esse era o prazer e o mistério da leitura, bem como a resposta aos que dizem que os livros vão desaparecer”. Não irão, certamente.

Mas fica subentendido, cá entre nós, que eles precisam aprender a dialogar com a situação que não dá mais tanta importância à prosa. Não basta afirmar a existência de outro mundo, como se a ficção-em-livro estivesse *out*. É necessário colocá-la para dentro, torná-la *in*, com todas as revisões nos modos de ler e escrever.

É preciso adaptar o leitor e reinventar o escritor, para que a felicidade não venha da tristeza de constatar que é cada vez menor o número dos que gostam de livros — o que, paradoxalmente, concede exclusividade a um pequeno grupo de pessoas. “Para ler como um escritor” e chegar à exegese possível, a pedagogia necessária se faz atualmente sob holofotes. E, para sempre (tomara), com vários dedos de boa prosa. ■

SÉRGIO DE SÁ é jornalista e doutor em Estudos Literários pela UFMG